



Campus Universitário de Almada

Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada

Ana Rute dos Reis Mira

Da área do tapete às mesas de madeira

**A Transição do Pré-Escolar para o 1ºCiclo do Ensino Básico – Um
Estudo de Caso**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Clementina Nogueira

Almada, Maio de 2016



Campus Universitário de Almada

Escola Superior de Educação Jean Piaget

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Relatório final de prática de ensino supervisionada apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Clementina Nogueira

Discente: Ana Rute dos Reis Mira

Almada, Maio de 2016

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

O presente relatório final foi realizado por Ana Rute dos Reis Mira do Ciclo de Estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, (para a Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada) no ano letivo de 2015/2016.

O seu autor declara que:

- (i) Todo o conteúdo das páginas que se seguem é de autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho do(s) seu(s) autores.
- (ii) Quaisquer materiais utilizados para produção deste trabalho não colocam em causa direitos de Propriedade Intelectual de terceiras entidades ou sujeitos.
- (iii) Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.
- (iv) Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.
- (v) Foi tomado conhecimento de que este trabalho deve ser submetido em versão digital [no espaço especificadamente criado para o efeito] e que essa versão poderá ser utilizada em atividades de detecção electrónica de plágio, por processos de análise comparativa com outros trabalhos, no presente e/ou no futuro.

16 de Maio de 2016

Assinatura

Agradecimentos

Todo o meu percurso e crescimento, não só profissional mas também pessoal, tem maior valor e sentido porque sempre tive ao meu lado pessoas que me apoiam incondicionalmente. Assim, este é o momento para lhes agradecer.

Aos meus pais... amigos e conselheiros que sempre acreditaram em mim e sem os quais este sonho não se tinha realizado. Devo-vos muito por todo o esforço feito ao longo destes cinco anos e por nunca desistirem de mim;

Ao meu namorado... amigo, cúmplice, confidente e também conselheiro, que sempre me apoiou quando mais precisei, estando sempre presente nos momentos mais importantes da minha vida;

A ti, meu tiozinho... estrela cintilante e eterno universitário com quem aprendi valores inquestionáveis (questionando apenas o porquê da tua ausência) e a quem dedico todo o meu esforço realizado neste trabalho. Aquele me que viu crescer desde o meu primeiro dia de vida e com quem tinha uma relação tão particular, tão especial. Meu Padrinho;

Aos restantes familiares, em especial aos meus avós, que, de alguma forma, contribuíram e estiveram presentes nas etapas mais importantes, acompanhando o meu percurso;

Aos meus amigos... companheiros de alegrias, tristezas, brincadeiras, com quem sei que posso sempre contar. Um obrigado muito especial à Paula Cabaço, pelos 17 anos de amizade sincera e por toda a ajuda nesta fase final e tão complicada da minha vida. Agradeço igualmente à Cláudia Teixeira, minha afilhada académica, também por toda a amizade ao longo destes anos mas, mais uma vez, por toda a ajuda na realização deste trabalho e na conclusão deste sonho. Também cabe um obrigado especial à Mafalda Ribeiro pela ajuda prestada neste trabalho e pela amizade sincera desde o 8ºano. Devo ainda um obrigado à Sandra Castelo por todo o apoio nesta fase da minha vida, pela sua amizade sincera e pela ajuda neste trabalho;

Aos meus colegas...que, de algum modo, marcaram e contribuíram também para a minha formação e construção do meu percurso. Às minhas madrinhas e afilhadas

académicas, por todos os momentos bons que me proporcionaram e por fazerem parte da minha vida académica;

À professora doutora Clementina Nogueira...não só orientadora, mas também amiga e conselheira. Um obrigado não basta para lhe agradecer toda a compreensão e ajuda nesta fase final do meu percurso académico;

Às Instituições e respetivas docentes implícitas neste trabalho de investigação que também me possibilitaram a sua conclusão;

A esta casa, Instituto Piaget de Almada, onde me formei ao longo de cinco anos tão intensos e a todos os docentes com quem tive o prazer de me cruzar e lidar diariamente;

A ti...Meu Pai;

A todos, o meu Obrigado mais sincero!

RESUMO

O presente Relatório Final de Mestrado pretende, antes de mais, realçar a importância da transição do pré-escolar para o 1ºano do 1ºciclo do Ensino Básico. Através desta questão, muitas outras surgiram, tais como a necessidade urgente de uma parceria mais vinculada e definida entre professores e educadores, bem como o papel essencial, participativo e mais ativo dos encarregados de educação nesta etapa tão delicada na educação.

Esta questão inicial, surgiu em contexto de estágio e dá lugar a um estudo de caso, o qual foca-se em duas instituições de ambas as valências: Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, relatando práticas e alguns aspetos bastante importantes nesta transição e adaptação. Foram realizadas entrevistas a docentes de ambas as valências com o objetivo de, não só conhecer as práticas e opiniões de professoras e educadoras, mas também das respetivas coordenações que revelaram um papel tão fulcral neste tema.

Serão também retratados alguns aspetos essenciais das Práticas de Ensino Supervisionadas, visando um enquadramento e contextualização do estudo, apresentando-se as instituições em causa, bem como os projetos desenvolvidos ao longo dos estágios.

Apresentar-se-ão ainda os resultados e informações obtidas nestas entrevistas, de onde podemos retirar conclusões interessantes. Assim, não deixarão de constar aqui presentes as implicações deste estudo de caso e do Relatório Final no percurso formativo.

Palavras-chave: Transição; Adaptação; Processo; Educação Pré-Escolar; 1ºCiclo do Ensino Básico

ABSTRACT

This Final Master report intends, first of all, to highlight the importance of pre-school transition to the 1st year of the 1st cycle of Basic Education. Through this question, many others have emerged, such as the urgent need for a partnership linked and set between teachers and educators, as well as the essential, participatory and more active role of parents in this delicate stage in education.

This initial question arose in the context of internship and gives rise to the study case to be presented. It focuses on two institutions of both valences: Preschool Education and 1st Cycle of Basic Education, reporting practices and some very important aspects in this transition and adaptation. We also conducted interviews with teachers of both valences with the purpose, not only to know the practices and opinions of teachers and educators, but also the respective coordination's, which revealed as major role in this regard.

This Final Master report, also portrayed some essential aspects of Supervised Teaching Practice, seeking a framework and context of the study, presenting the institutions concerned, as well as projects developed over the stages.

It will also presented, the results and information obtained in these interviews, from which we can draw meaningful conclusions for actual education context. Therefore, there will also be included, the implications of this study case and of this Final Report for my own professional training and also as a human being.

Keywords: Transition; Adaptation; Process; Preschool Education; 1st cycle of Basic Education

Índice Geral

RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VII
LISTA DE ABREVIATURAS.....	X

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

Parte I

1. Prática Profissional em contexto Pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico	3
1.1. Percurso profissional/ Formação pessoal.....	3
1.2. Contextualização da prática profissional	3
1.3. Caraterização da entidade cooperante em pré-escolar	7
1.3.1. Caraterização do Meio/Comunidade	7
1.3.2. Caraterização da instituição.....	8
1.4. Caraterização da entidade cooperante em 1ºciclo.....	9
1.4.1. Caraterização do Meio/Comunidade	9
1.4.2. Caraterização da instituição.....	10
1.5. Escola Básica Miquelina Pombo	11
1.6. Projetos de Intervenção.....	11
1.6.1. “Os cinco sentidos” – pré-escolar.....	12
1.6.2. “A amizade/cidadania” – 1ºciclo	14
1.7. Desenvolvimento da prática profissional.....	16
1.7.1. Contributos da PES para a formação profissional.....	16

Parte II

2. Enquadramento Teórico	19
2.1. A Transição do Pré-escolar para o 1ºCiclo do Ensino Básico	20

2.1.1. Um processo de (des) continuidade educativa?.....	22
2.1.2. Formação de Professores/Educadores e Gestão Curricular	23
Parte III	
3.Estudo Empírico.....	26
3.1. Objeto de Estudo – Questão de partida.....	26
3.2. Metodologia e procedimentos.....	26
3.3. Instrumento de Recolha de Dados	28
3.4. Participantes nas Entrevistas.....	29
Parte IV	
4. Apresentação, análise e discussão dos resultados / Síntese.....	32
5. Implicação do Estudo para a Prática Profissional.....	39
Parte VI	
6. Considerações Finais.....	41
6.1. Perspetivas de Futuro.....	43
6.2. Propostas de Investigação.....	43
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS.....	50
Anexo A: Projeto “Os cinco sentidos” – Pré-Escolar.....	50
Anexo B: Projeto “A amizade” – 1ºCiclo.....	50
Anexo C: Guiões e Transcrições das Entrevistas	51
Transcrição da Entrevista à Educadora:	53
Guião de Entrevista à Coordenadora das Educadoras	60
Transcrição da Entrevista à Coordenadora das Educadoras.....	62
Guião de Entrevista à Professora do primeiro ano, do 1ºCEB	70
Transcrição da Entrevista à Professora do 1º Ciclo:.....	72
Guião de Entrevista à Coordenação do 1ºCEB.....	77
Transcrição da Entrevista à Coordenadora do 1ºCEB.....	79

Lista de Abreviaturas

- **1ºCEB:** Primeiro Ciclo do Ensino Básico;
- **Coord.1ºCEB:** Coordenadora do Primeiro Ciclo do Ensino Básico;
- **Coord.PE:** Coordenadora do Pré-Escolar;
- **EB:** Ensino Básico;
- **Ed.PE:** Educadora do Pré-Escolar;
- **PCT:** Plano Curricular de Turma;
- **PES:** Prática de Ensino Supervisionada;
- **Prof.1ºCEB:** Professora do Primeiro Ciclo do Ensino Básico;
- **OCEPE:** Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final revela-se um complemento necessário e último para a obtenção do grau de Mestre, com a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico (CEB).

O mesmo, apresenta como tema a Transição do Pré-Escolar para o 1ºCEB, sendo que a questão para o estudo empírico implícito neste trabalho teria de partir de uma situação do contexto de estágio, o tema surgiu após uma visita do meu grupo de estágio em pré-escolar à escola do 1ºciclo localizada na mesma rua, com o intuito de preparar as crianças para o processo de transição que estaria próximo de acontecer. Desta forma, o tema suscitou-me interesse e considerei-o bastante pertinente.

De acordo com Vasconcelos (2009), considera-se o processo de transição como a “fase ou período intermédio numa evolução ou processo evolutivo” (p.2). Pressupondo-se assim uma evolução entre transições, torna-se necessário que os diversos intervenientes cooperem nesta transição, facilitando-a e criando estratégias para que ela seja harmoniosa, de forma a proporcionar uma transição mais tranquila, amenizando ansiedades e medos prejudiciais ao sucesso escolar, sendo estes, muitas vezes, fatores de desmotivação e, por sua vez, insucesso escolar (OCEPE, 1997).

Na mesma linha de pensamento, Gonçalves (2013) afirma que as transições tranquilas e bem conseguidas contribuirão de forma bastante significativa para o bem-estar das crianças, proporcionando-lhes assim uma maior autoestima, autoconfiança e aprendizagens.

Assim, apesar do constante conflito entre a Educação Pré-Escolar e o 1ºCEB, é de extremo interesse que os intervenientes se complementem, tentando suavizar esta mudança com estratégias e parcerias frutíferas (Torrado, 1994).

Desta forma, este trabalho visa assim uma abordagem mais profunda ao tema, contemplando um estudo de caso, tendo optado pelas entrevistas como fonte principal de recolha de informação.

Posto isto, este Relatório Final inicia-se com uma abordagem à Prática Profissional, que perfaz a Parte I do mesmo, contextualizando o trabalho com os

estágios realizados, tanto em pré-escolar como em 1º ciclo, passando pela caracterização do meio, das instituições em causa e referindo alguns dos aspetos mais relevantes da prática profissional desenvolvida em estágio.

Seguir-se-á Parte II do trabalho, constituída pelo Enquadramento Teórico onde são definidos alguns conceitos importantes e onde se contextualiza este tema acompanhado de alguma bibliografia-chave.

Dar-se-á depois lugar à Parte III do relatório, que contempla o Estudo Empírico do mesmo. Este, revela-se um estudo de caso, onde as entrevistas às docentes foram a principal forma de recolha de dados para a obtenção de informações mais detalhadas deste tema e da prática observada que deu origem à questão de partida. No fim, serão sintetizados os resultados e a informação obtidas nas entrevistas.

A Parte IV irá revelar as implicações do estudo e deste trabalho para a minha formação profissional, permitindo-me refletir sobre o mesmo. Por fim, mas não menos importante, o trabalho concluir-se-á com as considerações finais.

Assim, este relatório pressupõe, sobretudo, abordar este tema que, por vezes, parece um pouco “adormecido” ou estagnado, apesar da vontade de mudar, permitindo-me refletir e enriquecer com os conhecimentos dele retirados.

Parte I

1. Prática Profissional em contexto Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Desde cedo se manifestou em mim o desejo, não só de aprender, mas também de ensinar. Era enorme a vontade de transmitir aos outros tudo o que sabia...

1.1. Percurso profissional/ Formação pessoal

Como consequência do desejo espontâneo que cresceu em mim desde tenra idade, foi-me bastante fácil escolher o caminho/área por onde queria enveredar e traçar o meu percurso escolar de forma a, mais tarde, poder ingressar no Ensino Superior, mais precisamente na área da Educação Básica, área esta capaz de sustentar e fomentar o meu desejo de partilhar conhecimentos e adquirir outros mais.

Sendo este percurso formativo centrado na Educação, imensos são os valores nele presentes, tais como o respeito, a ajuda e a compreensão, o que me enriquece não só a nível profissional, mas também pessoal, formando-me assim numa Escola de conhecimentos mas também de valores.

Ao longo do meu percurso, diversas têm sido as etapas que o marcam e, como tal, também os objetivos em cada uma delas são distintos e variados, contudo, em cada objetivo surge a intenção máxima de me auto superar, ultrapassar as minhas próprias barreiras e ser melhor a cada dia, enriquecendo-me continuamente e construindo aquilo a que chamo a minha “bagagem profissional”, para tal, torna-se essencial o desejo contínuo de aprender, explorar e experienciar, fazendo desta profissão, não um trabalho, mas sim um prazer.

1.2. Contextualização da prática profissional

Segundo Cardona (2006):

A definição do conceito de profissão não é linear sendo alvo de diferentes interpretações consoante os autores e as correntes teóricas em que se enquadram. Qualitativamente profissão distingue-se de ofício, ocupação ou emprego, por

exigir uma elevada preparação, competência e especialização daqueles que a praticam. (pp.32-33).

Assim, ao longo do meu percurso formativo, também eu me fui preparando e formando, construindo competências, definindo-me e enriquecendo-me enquanto futura profissional - Educadora e Professora do 1ºCEB – descobrindo eu mesma o meu próprio conceito de profissão e de tudo o que esta implica.

Demonstrou-se bastante importante a experiência adquirida em cada estágio (Prática de Ensino Supervisionada), nas duas valências, o que permitiu não só colocar em prática bastante teoria interiorizada ao longo da minha formação, como também observar e experienciar diversas práticas e metodologias pedagógicas/modelos curriculares, evidenciando-se também a forte componente reflexiva, inerente à prática profissional. É a partir da reflexão contínua que podemos considerar, avaliar e reformular métodos e práticas, melhorando-as e adaptando-as sempre que necessário.

Desta forma, pude observar e experienciar metodologias distintas ao longo dos meus estágios, contudo, encontravam-se “próximas”, de certo modo, visto terem por base alguns modelos contemporâneos, de onde surgem as abordagens construtivistas, emergentes das teorias psicocognitivas, defendidas por Jean Piaget.

Segundo Fosnot (1996), o construtivismo apresenta-se como uma teoria fundamentada no conhecimento, na sua aprendizagem e no modo como esta se efetua.

Jonnaert (2012), afirma que o construtivismo se refere ao conhecimento como algo não-passivo de objetos exteriores, mas sim como algo provindo da atividade da pessoa perante tais objetos. Esta manipula-os, acedendo, essencialmente, aos conhecimentos, ideias e conceções prévias que já tem sobre determinado objeto e assim surgiram novas aprendizagens.

Fomentando esta linha de pensamento, Forman & Fosnot, citados por Sobralinho (2015), afirmam que este modelo construtivista assenta em quatro proposições/pilares-chave:

1. A ação, e não a lógica, é a fonte do pensamento dedutivo;
2. A compreensão resulta de atividades auto-reguladas;
3. A aprendizagem significativa advém da resolução de conflitos;
4. As correspondências e as transformações deverão ser coordenadas (p.4).

Piaget, referenciado por Kamii (1996), sugere assim que a aquisição do conhecimento advém da interação com o meio que rodeia a criança, procurando satisfazer as suas necessidades e interesses, atendendo à curiosidade espontânea da mesma. A criança é então vista como agente da sua própria aprendizagem, da qual vai construindo o seu próprio conhecimento, sentindo-se capaz e promovendo a sua autonomia, não descurando os conhecimentos já adquiridos previamente.

De acordo com Solé e Coll (2001), a adoção de uma perceção construtivista é vista como uma ferramenta útil, dotada de um conjunto de princípios, que permite ao docente “diagnosticar, formar juízos e tomar decisões fundamentadas sobre o ensino” (p.9). Posto isto, uma abordagem construtivista por parte do docente proporciona às crianças uma “experiência concreta e contextualmente significativa, através da qual eles podem procurar padrões, levantar as suas próprias questões e construir os seus próprios modelos, conceitos e estratégias” (Fosnot, 1996, p.9).

Na mesma ordem de ideias, encontra-se a teoria socioconstrutivista, tendo por base principal a teoria construtivista de Piaget, sendo completada com uma pesquisa socio-histórica mais aprofundada por Lev Vygotsky. Como refere Fosnot (1996), Vygotsky (centrado no estudo da dialética entre o indivíduo e a sociedade), afirma que o ser humano reage aos estímulos do meio, criando estruturas necessárias para a aquisição do conhecimento, assim, “a informação é transformada em conhecimento, os seus conhecimentos são construídos com base em recursos (materiais e humanos) do meio, no sentido lato” (Lebrun, 2002, p.148).

Em suma, enquadram-se estas teorias nas pedagogias ativas, apresentando, de acordo com Lebrun (2002, p.152), como características base, três princípios:

1. A aprendizagem por resolução de problemas;
2. A aprendizagem cooperativa;
3. A pedagogia do projeto ou pelo projeto.

Posto isto, solicita-se ao docente um papel de guia/orientador e facilitador das aprendizagens, centrando-se na criança e fornecendo-lhe as ferramentas necessárias para a aquisição e construção do seu próprio conhecimento. Este, deverá proporcionar ao grupo situações enriquecedoras, promovendo ainda a curiosidade natural das crianças, ajudando-as sempre que necessário, promovendo, contudo, a sua autonomia e desenvolvimento fundamental.

Os meus diversos estágios (em ambas as valências) centraram-se nas pedagogias ativas, identificando-me, pessoalmente, com os modelos pedagógicos mais recentes que se opõem aos modelos tradicionais, mais precisamente com:

- O Movimento da Escola Moderna (MEM), tendo por base as ideias de Célestin Freinet, visando uma pedagogia cooperativa e comunicativa, sendo que a criança é um ser único e espontâneo. As aprendizagens surgem de uma forma natural, existindo um contato com o real entre o sujeito e o meio e são fruto de diversas estratégias utilizadas pelo docente, como por exemplo, a presença de uma democracia participativa e a abertura da escola ao meio. (Escola Moderna, 2001).

- O High-Scope, sendo esta uma das abordagens mais evidentes do construtivismo, assenta em cinco princípios básicos:
 1. Aprendizagem ativa pela ação;
 2. Partilha do poder de controle com o adulto e encorajamento à resolução de conflitos do quotidiano;
 3. Espaço físico estruturado e adequado às necessidades das crianças, com materiais diversos;
 4. Existência de uma rotina diária que possibilite à criança reconhecer tempos e rotinas, fomentando a sua autonomia;
 5. Planeamento diário e observação/avaliação da criança (Kidsground, 2012).

“É preciso uma instância integradora que não pode ser a própria prática. A prática educacional quotidiana e a reflexão sobre a prática são muito ajudadas pelo conhecimento profundo de modelos curriculares concretos” (Formosinho, 1996, p.11). Ainda assim, importa frisar que não existem modelos curriculares “perfeitos”, pois estes devem ser flexíveis e acompanhados de uma reflexão constante por parte do docente que o deve adaptar ao grupo sempre que necessário. Aos olhos de Roldão (1999), é extremamente necessária uma flexibilização do currículo e das suas práticas, sendo que tal flexibilização se opõe à vinculação do docente a um único modelo curricular com o objetivo de este tornar a sua prática em algo “definido em função das aprendizagens pessoal e socialmente necessárias” (p.54).

1.3. Caraterização da entidade cooperante em pré-escolar

Torna-se indispensável conhecer bem o meio e a própria instituição, como forma de conhecermos todos os recursos disponíveis para a nossa prática educativa.

1.3.1. Caraterização do Meio/Comunidade

O Centro Social Paroquial de Vale de Figueira situa-se no distrito de Setúbal, concelho de Almada, na freguesia de Vale de Figueira.

Localizado mesmo ao lado da Igreja do Imaculado Coração de Maria, revela-se assim uma instituição de cariz católico, sendo esta a fé predominante da área.

Esta localidade foi fundada em 1846, caraterizando-se por ser uma zona rural que agrupa, atualmente, cerca de 25.000 habitantes e outros tantos sazonais, de acordo com os dados estatísticos referentes aos Censos 2011.

Situa-se a poucos quilómetros de Almada e Seixal, abrangendo assim uma área de 2525 hectares que lhe concedem 35% do território do seu concelho.

Verificou-se um crescimento repentino desta área nos últimos anos a nível não só populacional, mas também industrial, revelando-se, atualmente, uma boa oferta turística da região, pois encontra-se relativamente perto da frente atlântica.

Encontra-se também situado em Vale de Figueira, o Bairro Social existente nesta localidade, englobando assim uma zona de grande diversidade étnica e etária, onde predomina a população adulta, consequência da urbanização e industrialização existente nos últimos anos.

Sabe-se então que as condições socioeconómicas e culturais presentes nesta área variam entre o nível médio/alto e médio/baixo, sendo que este fator influencia, muitas vezes, a taxa de sucesso/insucesso escolar. Enquanto as classes com capital cultural médio-alto facilitam aos seus filhos o acesso ao ensino, o mesmo não se verifica em famílias com baixo nível de instrução e condições socioeconómicas, não incentivando, muitas vezes, a continuidade dos estudos aos seus educandos. O conhecimento desta realidade foi-me facilitado por eu própria ter crescido perto dela.

Ao analisar o meio (onde eu própria cresci), posso registar um enorme crescimento atual na evolução dos serviços de apoio à comunidade, sendo esta, atualmente, uma zona privilegiada com a quantidade de recursos disponíveis, contando

deste modo com o saneamento básico, vias rodoviárias, infraestruturas e equipamentos urbanos seguros.

Esta localidade apresenta também diversos espaços verdes, apoio médico e sanitário, diversos estabelecimentos de ensino e apoio à infância, espaços desportivos, espaços infantis e ainda diversas atividades económicas. Assim, podemos averiguar que esta tem sido uma zona em constante crescimento, dotada de imensos recursos disponíveis para a população.

1.3.2. Caraterização da instituição

O Centro Social Paroquial de Vale de Figueira situa-se na Rua Hermínia Silva, encontrando-se no coração desta localidade. Mesmo à sua frente, localiza-se a Escola Básica Miquelina Pombo.

Carateriza-se por ser uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) de cariz católico, como já referido anteriormente.

Tendo iniciado a sua atividade em 1987, surgiu dos “planos de emergência” implementados nos anos 80, a fim de dar resposta às necessidades das crianças e idosos residentes na área.

O Centro Social Paroquial encontra-se dividido em duas componentes, sendo elas o Equipamento de Infância (infantário) e o Lar Paroquial, estando este último situado na Rua Pedro Lemos, também em Vale de Figueira.

Ambas as componentes são geridas pelo pároco da igreja acima referida.

Esta instituição sem fins lucrativos, encontra-se aberta desde as 7h até às 19h, sendo a componente letiva da manhã das 9h às 12h e à tarde, das 15h às 17h, tal como referido no regulamento interno da instituição.

Integram assim esta instituição duas salas de berçário, duas salas de 1 ano, duas salas de 2 anos, quatro salas de pré-escolar e uma sala de A.T.L. (Atividades dos Tempos Livres).

Desta forma, o Centro acolhe cerca de 250 crianças, desde os três meses aos 10 anos de idades.

Relativamente ao espaço, considera-se um edifício de grandes dimensões, sendo que a estrutura correspondente ao berçário foi construída mais recentemente, visando uma resposta social mais abrangente.

O interior desta instituição divide-se em dois pisos, apresentando-se com cores alegres, bastante iluminação natural e com estruturas bastante favoráveis a um ambiente tranquilo e seguro. Encontra-se ainda munido de todos os equipamentos e materiais necessários a um bom trabalho, bem como de todos os outros espaços indispensáveis para tal (cozinha, refeitório, casas de banho, sala de informática, sala de vídeo, dormitório, ginásio, etc.).

Já no que trata o espaço exterior, que circunda todo o edifício, este caracteriza-se por ser vasto e harmonioso, inclui um parque infantil com boas condições e equipamentos de recreio (baloços, escorregas, estrutura para escalada), existe também um espaço da horta pedagógica, sem descurar algum espaço livre e verde. Conta ainda com mesas e bancos perto de algumas árvores, proporcionando assim um ambiente bastante harmonioso e eleito pelas crianças para grandes brincadeiras.

1.4. Caracterização da entidade cooperante em 1º ciclo

1.4.1. Caracterização do Meio/Comunidade

A Escola Básica Elias Garcia, à semelhança da instituição anterior, situa-se no concelho de Almada, distrito de Setúbal, tendo o seu lugar no centro da Sobreda, sua localidade.

Analisando de novo os dados estatísticos referentes aos Censos 2011, consegue-se apurar que esta é uma área que acolhe cerca de 15.166 habitantes e outros tantos sazonais. Localizando-se a 4Km de Almada e 8Km de Lisboa, a escola Elias Garcia encontra-se numa área urbanizada e central, localizando-se bastante perto do Centro Social Paroquial de Vale de Figueira.

Considera-se uma área bastante movimentada e de fácil acesso à via-rápida da Costa da Caparica, frisando-se, mais uma vez, a oferta turística da região, próxima da frente atlântica.

Em seu redor, é possível depararmo-nos com diversos tipos de comércio: lojas, cafés, papelarias, um centro comercial, minimercados, pastelarias, farmácia da Sobreda, Caixa Geral de Depósitos, lojas de animais, lojas de vestuário e calçado e salões de beleza.

Sabe-se que a freguesia da Sobreda tem sido igualmente uma área em constante crescimento e desenvolvimento, o que justifica a sua diversidade étnica e cultural,

bastante equiparada à de Vale de Figueira, visto serem zonas bastante próximas. Sendo uma área em constante crescimento (embora atualmente um pouco mais estagnada), oferece diversos recursos e equipamentos que visam servir a população diariamente. Esses recursos, referidos anteriormente na caracterização do meio de Vale Figueira, enquadram-se também na área da Sobreda, pois são partilhados de igual modo por ambas as populações, devido à proximidade de espaços.

Assim, registam-se estas duas áreas como bastante favoráveis e com ótimos recursos disponíveis.

1.4.2. Caracterização da instituição

A Escola Básica Elias Garcia localiza-se na Rua Manuel Parada, na freguesia da Sobreda, como já referido na caracterização do meio.

Tendo sido inaugurada a 30 de Outubro de 1972, era inicialmente apenas destinada ao ciclo preparatório, tendo sofrido então modificações reestruturantes na década de noventa.

Tem como patrono José Elias Garcia (1830-1891), político, jornalista e professor que veio impulsionar a educação portuguesa, tendo-lhe oferecido novas ideias e práticas.

A Escola Básica Elias Garcia é a sede do Agrupamento de Escolas Elias Garcia, do qual fazem parte três estabelecimentos de ensino, geograficamente separados: Escola Básica Elias Garcia, Escola Básica Miquelina Pombo, Jardim-de-infância do Alto do Índio.

Esta instituição encontra-se aberta das 7h30 até às 19h (exceto quando necessário encerrar mais tarde). Relativamente ao 1º ciclo, as atividades letivas decorrem em regime normal, mais especificamente das 9h00 às 15h30, seguindo-se depois as atividades de enriquecimento extracurricular até as 17h15.

A instituição encontra-se organizada em três pavilhões: um pavilhão destinado somente ao 1º ciclo, um pavilhão destinado ao 2º e 3º ciclos e o terceiro pavilhão que corresponde ao ginásio. Importa frisar que é no pavilhão do 2º e 3º ciclo que se encontram os serviços disponíveis aos alunos (bar, refeitório, papelaria, reprografia, biblioteca, sala de informática e sala de estudo).

Situando-nos um pouco mais no pavilhão destinado ao 1º ciclo, este encontra-se dividido em dois pisos, estando as salas de aula distribuídas por ambos. Conta também

com quatro casas de banho, arrecadações e espaços de apoio entre diversas salas, normalmente utilizados para guardar materiais de cada sala ou para dar apoio às crianças com mais dificuldade.

Decorado com diversas cores, predominam os azulejos em tons verdes, amarelos e rosas, sendo um espaço agradável.

Também o exterior se revela como espaço agradável. Nele podemos encontrar diversas mesas, bancos e bastantes árvores. Encontramos também alguns espaços de convívio, campos de futebol e um parque infantil destinado ao 1º ciclo. Assim, são também variados os recursos disponíveis nesta instituição que podemos aproveitar.

1.5. Escola Básica Miquelina Pombo

Ainda que não tenha realizado nenhum estágio na presente instituição, considera-se importante caracterizá-la brevemente pois, o estudo de caso inerente a este Relatório Final, foi realizado entre a Escola Básica Miquelina Pombo e o Centro Social Paroquial de Vale de Figueira.

Esta instituição localiza-se no mesmo meio que o Centro, mais especificamente na mesma rua, encontrando-se apenas separadas por uma estrada movimentada.

A escola Miquelina Pombo alberga as valências de pré-escolar e 1ºCEB, sendo que integra o Agrupamento de Escolas Elias Garcia.

Tendo uma reconstrução relativamente recente, apresenta condições bastante favoráveis, modernas e espaçosas que acolhem imensas crianças da zona.

Esta instituição apresenta uma parceria com o Centro Social Paroquial de Vale de Figueira.

1.6. Projetos de Intervenção

O trabalho de projeto contribui para que as aprendizagens tenham um significado, sejam portadoras de sentido, envolvendo as crianças (ou os adultos) na resolução de problemas reais ou na busca de respostas desconhecidas. Tal processo de aprendizagem permite o desenvolvimento de competências essenciais numa sociedade do conhecimento: a recolha e tratamento de informação e, simultaneamente a aprendizagem do trabalho de grupo, da

colaboração, da tomada de decisão negociada, a atividade meta-cognitiva, e o espírito de iniciativa e criatividade. (Vasconcelos, 2011, p.9).

Seguem-se então os projetos desenvolvidos em contexto de estágio.

1.6.1. “Os cinco sentidos” – pré-escolar

Ao longo do estágio na valência pré-escolar, realizado no Centro Social Paroquial de Vale de Figueira, coube-me um papel integrador na instituição, no grupo e em toda a restante equipa de trabalho. Coube-me também um papel observador e participativo, no qual se propunha a realização de um projeto de intervenção planificada que fosse ao encontro do Plano Curricular de Turma (PCT). Este plano, encontrava-se interligado ao objetivo de criar uma biblioteca na instituição. Assim, a sala onde estagiei denominava-se “Sala das rimas”. Deste modo, o PCT procurou enquadrar-se no tema das rimas, explorando-as.

O meu estágio desenvolveu-se com um grupo heterogéneo de 27 crianças, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos de idade. A vivacidade e energia eram características bastante presentes no grupo, acompanhadas de grande curiosidade.

Por diversas vezes, à hora das refeições, surgiam, por parte das crianças, questões relativas ao paladar e ao olfato. Deste modo, considerei pertinente lançar ao grupo a proposta de um projeto para aprofundarmos mais conhecimentos sobre o tema. Aceitando de imediato e com entusiasmo, assim nasceu o projeto com o tema “Os cinco sentidos”. Uma vez que o tema da sala já se encontrava exaustivamente explorado ao longo do ano pela educadora, foi-me dada a liberdade de poder não relacioná-lo com o meu projeto de intervenção. Contudo, procurei (sempre que possível), explorar o tema dos cinco sentidos através das rimas, de forma a encontrar um elemento de ligação entre os dois projetos.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), o tema dos cinco sentidos não se enquadra especificamente em nenhuma área. Ainda assim, considerei correto associá-la à área do Conhecimento do Mundo, pois,

A área do Conhecimento do Mundo inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo,

por exemplo: (...) reconhecer e nomear diferentes cores, sensações e sentimentos” (p.81).

Estas questões podem levar à abordagem e exploração do funcionamento do corpo e dos seus órgãos/sentidos.

O projeto dos cinco sentidos partiu então dos conhecimentos prévios das crianças, seguindo-se aquilo que elas pretendiam saber e explorar, satisfazendo o desejo e a curiosidade natural delas. Assim, optei por assumir um papel de orientadora e guia das suas pesquisas e atividades, visando dar respostas às questões iniciais ou que surgiam ao longo do projeto, pois este era constantemente reavaliado e acompanhado de reflexões/debates em grupo que restabeleciam novos caminhos e objetivos.

Tendo em atenção todos os conselhos e observações da educadora cooperante, foi frequentemente frisada pela mesma a importância da aceitação de regras e a aquisição de valores sociais no grupo. Deste modo, a área da Formação Pessoal e Social encontrou-se bastante vinculada a todo o projeto, com o objetivo do grupo se saber relacionar melhor, partilhar, saber-estar, saber-ouvir e respeitar o próximo.

Para alcançar os objetivos delineados inicialmente, foram sendo planificadas e realizadas diversas atividades de cariz lúdico que procuraram também, através das mesmas, desenvolver os outros domínios. Procurei também explorar um sentido de cada vez, dando-lhe ênfase, sendo que, aos poucos, o grupo foi descobrindo e concluindo que os sentidos fazem parte do nosso corpo e que podemos utilizar vários sentidos ao mesmo tempo.

Dados os recursos disponibilizados pela instituição, foram realizadas atividades um pouco diferentes do habitual, tais como uma gincana dos cinco sentidos no exterior e a elaboração de pizzas doces e salgadas, por exemplo, (anexo A, p.50), o que motivou bastante o grupo.

No fim, concluí o projeto considerando ter atingido os objetivos traçados e ter correspondido às expectativas do grupo. Desta forma, através de um cartaz realizado pelo grupo e de um poema musical, o projeto foi divulgado às restantes salas que nos receberam de forma bastante acolhedora e entusiasta!

Não se encontraram limitações muito relevantes no desenvolvimento do projeto. Realça-se apenas o facto de, no fim do mesmo, ter sido um pouco difícil conciliar as minhas atividades com as da educadora, pois o tempo era escasso, mas, com compreensão e boa vontade, tudo se fez pelo melhor.

1.6.2. “A amizade/cidadania” – 1º ciclo

À semelhança do estágio anterior, também o estágio em 1º ciclo pressupõe a realização de um projeto de intervenção planificada.

O estágio em 1º ciclo, como já referido anteriormente, teve lugar na Escola Básica Elias Garcia, mais precisamente numa turma de 1º ano, turma esta constituída por 26 crianças com idades compreendidas entre os cinco e os sete anos de idade.

Também caracterizados por uma energia “infinita” e pelas múltiplas diferenças existentes entre cada um, em conjunto com a professora cooperante, foi notória a observação diária de conflitos entre colegas de turma, o que nos deixava bastante preocupadas.

Sendo que o PCT ainda se encontrava em construção e que o Projeto Educativo do Agrupamento se centrava no tema da cidadania, em conjunto com a professora cooperante surgiu a ideia de realizar um projeto de intervenção focando o tema da cidadania, mas direcionando para a importância da amizade, visto também não ter surgido nenhuma questão anterior por parte do grupo.

Por considerar mais enriquecedor e importante para o grupo e tendo em conta a necessidade óbvia de melhorar as relações sociais e afetivas entre o grupo, atendendo às necessidades comportamentais do mesmo, sugeriu-se então a realização de um projeto com o tema “A amizade/cidadania”, que foi rapidamente aceite.

Começando então com um levantamento inicial de conhecimentos prévios do grupo, foram estipulados objetivos e conteúdos a explorar, enveredando um pouco pelo mesmo caminho do projeto em pré-escolar, ou seja, debates e reflexões frequentes sobre o tema, acompanhados de diversas atividades lúdicas (algumas também sugeridas pelo grupo), nas quais se foram restabelecendo direções e apurando conhecimentos, visando dar resposta aos objetivos iniciais (compreender o que é a amizade; descobrir símbolos da amizade; compreender o que é a cidadania; criar uma árvore da amizade...).

O tema deste projeto de intervenção não se vincula especificamente a nenhuma área curricular, pois a partir do mesmo todas elas poderão ser exploradas, contudo, está diretamente ligado à área curricular não disciplinar “Formação Cívica”, ou seja, o tema da amizade implica (também) a aquisição de regras sociais que nos permitam saber e aprender como nos devemos relacionar com os outros em sociedade, respeitando-os.

Portanto, o tema encontra-se relacionado com a Educação para a Cidadania, passando pela formação pessoal e social que, por sua vez, se liga diretamente à Formação Cívica.

De acordo com o Decreto-Lei nº6 / 2001 (cap. II, artigo 5º, ponto 3 c), a Formação Cívica é um:

espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso nomeadamente ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação individual e coletiva na vida da turma, da escola e da comunidade.

Segundo a Direção-Geral da Educação (2013), a prática para uma boa cidadania implica a interiorização e utilização de regras sociais perante os outros, recorrendo a um comportamento adequado e consciente que se traduz num modo de estar, para tal, é necessário educar, transformar e, sobretudo, formar as pessoas, tornando-as conscientes, autónomas, solidárias e responsáveis, dotadas de um espírito crítico, criativo e fomentando o respeito pelos outros. Assim, este projeto procurou também explorar o tema da Educação para a Cidadania, abordando, de forma adaptada e apropriada, documentos e referências importantes, tais como: Declaração Universal dos Direitos Humanos (1950); Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959); a importância da vida em sociedade; a importância da paz...

Tendo em conta tudo isto, também o projeto se formou segundo estes princípios, sendo privilegiadas as atividades em grupos estrategicamente formados, de forma a resolver conflitos e a proporcionar momentos lúdicos entre os mesmos, levando-os a novos laços de amizade.

Para tal, foram desenvolvidas atividades que os ajudassem a compreender a importância da amizade e do respeito, tais como: escrever uma carta a um colega que foi transferido para outro país, a construção de uma árvore da amizade (anexo B, p.50), e a prestação de cuidados a bichos-da-seda, o que os ajudou a ter um objetivo em comum, colaborando uns com os outros.

Ao longo de todo o projeto, foi mantida uma prática de interdisciplinaridade entre os diversos trabalhos / atividades realizados, pois considero ser um fator de extrema importância para a realização de um projeto coerente, tentando assim dimensioná-lo e estendê-lo a todas as áreas do currículo.

Concluiu-se então o projeto com a sensação de “missão cumprida”, pois ao longo dele foi notória uma mudança comportamental e afetiva perante o grupo que, aos poucos, foi reduzindo o registo de conflitos, melhorando bastante. Este facto deixou-me particularmente orgulhosa, conseguindo ver frutos verdadeiros do meu trabalho e empenho. No fim, o projeto, à semelhança do anterior, foi igualmente partilhado com as restantes turmas de forma bastante animada.

1.7. Desenvolvimento da prática profissional

“A formação e desenvolvimento do professor traduzem-se, necessariamente, no seu empenhamento profissional na inovação do ensino, na renovação da escola e da profissão a que pertencem” (Ribeiro, 1993, p.127).

1.7.1. Contributos da PES para a formação profissional

Termos de integrar uma instituição que por vezes não conhecemos e fazemos parte de uma equipa de trabalho onde nos é confiado um grupo de crianças (ainda que o educador/professor titular esteja presente) é uma grande responsabilidade relativamente à qual geramos expectativas mas também receios ou inseguranças – tal sucedeu comigo. Antes de iniciar um estágio, refletia bastante sobre as minhas expectativas mas também sobre as expectativas que, tanto o docente cooperante, como o grupo, teriam de mim, contudo, sabia que manter-me fiel aos meus princípios ajudar-me-ia a integrar a equipa e a estabelecer laços com todos, contribuindo para um ambiente respeitoso e harmonioso.

Segundo Bolhão (2013), ao falarmos em estágio, referimo-nos a um “procedimento didático-pedagógico” (p.5), que faz parte da estruturação normal de um curso. O autor refere também que:

O estágio curricular, quando bem estruturado e realizado de forma adequada, com o devido acompanhamento e supervisão tanto por parte da Instituição de Ensino como da Empresa que acolhe o estudante, torna-se uma importante ferramenta de qualificação para o mercado de trabalho e uma experiência enriquecedora e desejada pelo aluno. (Bolhão, 2013, p.3).

Desta forma, não só se evidencia o enriquecimento proporcionado pelos estágios curriculares, mas também o importante papel do docente cooperante no acompanhamento e supervisão da prática do estudante, visando melhorá-la continuamente. Assim, também eu me pude apoiar nos meus cooperantes em cada estágio, pois permitiram-me alcançar um dos meus grandes objetivos: apoiar-me neles para colocar em prática tudo aquilo que tinha mais receio de fazer. Posto isto, com a ajuda do cooperante, foi muito mais fácil ganhar segurança, confiança e ultrapassar barreiras no decorrer das minhas práticas.

Para um bom desenvolvimento profissional foca-se, antes de mais, a extrema importância da instituição de formação, pois é nela que se adquirem as bases e teorias necessárias para uma boa prática. Aos olhos de Ribeiro (1993), uma boa formação deve contemplar e estender-se a diversas vertentes, sendo elas: pessoal, profissional e social. Deste modo, o docente deverá ir desenvolvendo as suas capacidades e competências, durante a formação, preparando-se para a realidade física e social da sua profissão. Como tal, a formação deve ser um processo contínuo e progressivo que fomente a simbiose entre a teoria e a prática.

Na mesma linha de pensamento encontra-se Garcia (1999), pois também se refere à formação como um “processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos” (p.19). O autor refere ainda que “a formação pode ser entendida como uma função social de transmissão de saberes, de saber-fazer ou do saber-ser que se exerce em benefício do sistema económico, ou da cultura dominante.” (p.19).

Considero assim, após as citações acima referidas, que também esta instituição foi ao encontro do que é suposto na formação dos seus estudantes, permitindo-me realizar a ponte entre a teoria e a prática, abrindo-me horizontes e ajudando-me a crescer ano após ano!

Evidenciando-se a importância da formação de docentes nesta área, não menos importante se revela o papel a assumir pelo docente, bem como as competências que lhe são solicitadas.

Segundo o Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto, as competências do professor deverão assumir-se como profissionais, sociais e éticas. É-lhe solicitado que seja detentor de um saber próprio, acompanhado de pesquisas contínuas e refletidas que contribuam para a promoção de uma prática ativa, inclusiva, promotora de um

desenvolvimento íntegro e autónomo, através do qual se efetuam aprendizagens e conhecimentos relacionados com o currículo e as suas diversas vertentes. Deverá também proporcionar um ambiente de harmonia, segurança, qualidade e respeito pelo grupo, demonstrando capacidades afetivas e de comunicação.

A par com tudo isto, Roldão (1999), refere ainda que o docente deverá também assumir um papel ativo e reflexivo no que trata a gestão curricular e educativa. Para tal, deverá desenvolver um perfil de competências essenciais inerentes à sua profissão. Tais competências passam por:

Analisar, diagnosticar e tomar decisões perante situações, apresentando uma atitude crítica e fundamentada quanto a assuntos e aprendizagens de conteúdos curriculares; ter uma visão próspera e aberta sobre a educação e as dinâmicas sociais perante a mesma; apresentar uma metodologia de ensino adequada ao grupo, bem como diversas atividades; gerir espaços e tempos; prever e planear o desenvolvimento da sua prática, avaliando resultados e ajustando-os; trabalhar colaborativamente com a restante equipa pedagógica (Roldão, 1999, pp.82-83).

Por fim, importa ainda frisar que para Perrenoud (1993), é fundamental que os professores não se cinjam, apenas, à sua formação inicial, mas sim que adotem uma postura investigadora ao longo do seu percurso profissional. Só assim estarão a par com a sociedade, as suas crianças e com o que estas necessitam. É importante renovar e inovar conhecimentos para sermos exemplos “reais” para as nossas crianças.

Deste modo, é solicitado aos docentes desta área (professores e educadores) um papel bastante ativo, completo, dinamizador, reflexivo e inovador, o que nem sempre é fácil, pois tudo isto é influenciado pelo grupo, pela instituição e pelo meio que o rodeia.

Concluo assim que os diversos estágios foram, sem dúvida, momentos bastante importantes na minha formação e que, de certo modo, contribuíram bastante para o meu crescimento profissional, pessoal e social. Ajudaram-me também a definir princípios e linhas orientadoras na minha prática, contribuindo ainda para o desenvolvimento progressivo destes perfis de desempenho em mim.

Parte II

2. Enquadramento Teórico

Lançando um olhar um pouco mais histórico, é fácil compreender que a Educação em Portugal tem sofrido bastantes alterações ao longo dos últimos anos, acentuando-se estas a partir do século XVIII.

Com as alterações efetuadas no sistema educativo, o “ensino primário” passou a designar-se “1ºCiclo”. (Silva, 2002). Esta, era a primeira etapa escolar obrigatória, sendo que a educação das crianças até então era assegurada pelas mães, no seio familiar, até aos sete anos de idade. Tendo surgido a Educação Pré-Escolar com vista a dar resposta às necessidades sociais das populações, mais tarde, passou também a ser obrigatória. Assim, aos olhos de Formosinho citado por Silva (2002), “se o alargamento da escolaridade obrigatória determinou a passagem do 1ºciclo «de ciclo único a ciclo inicial», a expansão da Educação Pré-Escolar colocou-o na situação «ciclo intermédio da Educação Básica»” (p.17).

Tais mudanças, suscitaram o interesse em conhecer os efeitos em ambas as valências e, essencialmente, de conhecer os efeitos e as necessidades da articulação entre elas.

Atualmente, muitos são os debates e as questões teóricas relacionadas com a necessidade dessa articulação e também sobre a transição do Pré-Escolar para o 1ºCEB. Emerge, cada vez mais, a necessidade de reflexão acerca daquilo que pensamos poder melhorar à nossa volta, na nossa profissão, assim surgem novos desafios e temas que requerem um olhar mais atento...

É errado olhar para estas duas valências como opostas. É necessário dissipar oposições e cooperarmos todos no mesmo sentido.

Por exemplo, uma das oposições clássicas que se vê em relação à educação de infância é que a educação de infância apostaria no desenvolvimento da criança global e o 1ºciclo marca, por oposição, a emergência da instrução, das aprendizagens “sérias” – como que, à luz desta aparente oposição, “deixando cair” as dimensões do desenvolvimento (Roldão, 2000, p.22).

Torna-se cada vez mais urgente uma articulação e parceria séria entre valências...

2.1. A Transição do Pré-escolar para o 1ºCiclo do Ensino Básico

De acordo com a definição anteriormente apresentada de transição, podemos afirmá-la como uma mudança significativa na vida de uma criança.

Segundo Sim-Sim (2010), qualquer processo de transição (mudança) é fortemente acompanhado de alguma carga emocional, algum nervosismo, insegurança e tensão. Simultaneamente, este processo de mudança implica também deixar algo para trás, registando-se uma perda. Contudo,

Se soubermos como actuar, este momento pode ser sentido como algo muito positivo, como um estímulo ao desenvolvimento da criança, e também como um momento de colaboração especial entre profissionais de educação e entre a família e esses mesmos profissionais. (Sim-Sim, 2010, p.112).

Também Silva & Melo (2012) partilham da mesma opinião de Sim-Sim (2010), frisando que a forma como as crianças experienciam e gerem este processo de transição é fulcral e repercute-se ao longo de toda a educação e sistema educativo. É então necessário compreender todas as vertentes implícitas nesta transição e tudo o que dela advém, só assim se conseguirão transformar as teorias em práticas fundamentadas e ajustadas à realidade, minimizando as perdas ou o impacto destas na vida das crianças e aumentando os aspetos positivos e motivadores de uma transição muito mais pacífica.

Portugal (2002) refere que o sucesso ou insucesso escolar é influenciado pelas experiências pessoais vividas até aos três anos de idade, tais experiências não se vinculam a saberes escolares, mas sim às características intrínsecas de cada criança e às suas capacidades. Por outras palavras, podemos afirmar que o sucesso escolar de cada criança é fortemente definido pelo potencial desenvolvimento das suas capacidades e dos seus valores que devem ser estimulados. Caso contrário, dificilmente a criança conseguirá obter sucesso se não se encontrar motivada através das suas capacidades e potencialidades. Sentir-se-á, de contrário, desencorajada, insegura e incapaz de alcançar os seus objetivos.

Ao falarmos da transição do PE para o 1ºCEB, não podemos contornar as suas diferenças mais evidentes, tal como a denominação de cada valência. Se por um lado falamos em Educação Pré-Escolar, por outro falamos em 1ºCiclo do Ensino Básico... Qualitativamente, educação e ensino são duas denominações que andam a par mas,

contudo, bastante distintas. Enquanto o ensino se refere à transmissão de conhecimento e à aquisição de competências, por outro lado, educação centra-se na transmissão de valores morais, regras comportamentais e sem esquecer, essencialmente, as necessidades afetivas das crianças, tão evidentes em idade pré-escolar. (Cardona, 1990).

Estando, no entanto, estes dois conceitos relacionados, também as suas práticas se deviam continuar, perspetivando uma continuidade educativa e pedagógica, fazendo-se prevalecer o superior interesse da criança, pois, na opinião de Marchão (2002), “A transição de um contexto para um novo contexto requer o estabelecimento de troca de informação, comunicação nos dois sentidos, confiança mútua entre os principais intervenientes: crianças, pais, educadores e professores.” (p.37). A autora refere ainda que o desempenho escolar da criança e as suas potencialidades serão fruto dos alicerces criados nesta transição entre valências. Quando bem estruturados, estes alicerces entre pares pedagógicos darão à criança segurança e reforço positivo que a façam desinibir-se e adaptar-se melhor ao novo contexto.

Contudo, e na mesma opinião que Marchão (2002), Portugal (2002) frisa também que estimular o desenvolvimento da criança difere de forçá-lo. Não é o papel de nenhum pai ou educador forçar o desenvolvimento da criança, deve sim “garantir que as experiências e rotinas diárias da criança lhe confirmam segurança emocional e encorajamento” (p.11). Com efeito, tal segurança emocional e encorajamento levarão a criança a desenvolver sete competências “Hearth Start”, assim denominadas pela autora, que lhe serão fundamentais no seu percurso escolar e vida pessoal/social, sendo elas:

- Confiança;
- Curiosidade,
- Intencionalidade;
- Auto-controlo;
- Estabelecimento de relações;
- Capacidade de comunicar;
- Cooperação.

Ao encontro das ideias acima apresentadas, e mais especificamente ao encontro de Marchão (2002), vão também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), (Ministério da Educação, 1997), fomentando que:

A progressão e diferenciação das situações de aprendizagem supõe que todas e cada uma das crianças tenham ocasião de progredir a partir do nível em que se encontram, de forma a que não fiquem três anos a realizar actividades com um mesmo nível de dificuldade e exigência (p.87)

Deste modo, cabe ao docente proporcionar diversas oportunidades às crianças, de forma a proporcionar-lhe novos contextos de aprendizagem, aumentando o grau de exigência de acordo com as capacidades das mesmas, estimulando-as.

2.1.1. Um processo de (des) continuidade educativa?

Após a literatura anteriormente analisada, torna-se evidente a necessidade (quase obrigatória) de articular as duas valências.

Se, por um lado, a educação pré-escolar perspetiva a continuidade de um processo educativo iniciado em casa pela família (respeitando diversas origens, culturas e características individuais), por outro lado, a transição para o 1º ciclo representa sempre uma nova necessidade de adaptação ao novo contexto. Como tal, são favoráveis todos os processos que facilitem esta adaptação.

De acordo com as OCEPE (1997), “A relação entre educadores e professores, a compreensão do que se realiza na educação pré-escolar e no 1º ciclo e também a análise e debate em comum das propostas curriculares para cada um dos ciclos são facilitadoras da transição.” (p.89). Assim, evidencia-se a necessidade de articular, não só compreensões e cooperação entre os docentes de ambas as valências, como também algumas propostas curriculares adaptadas a cada faixa etária, mas visando uma continuidade educativa, em prol do bem-estar das crianças.

Para Monge (2002), uma vez que há um currículo específico e delineado, facilitador das transições entre ciclos do Ensino Básico, torna-se completamente indispensável que o mesmo exista entre o Pré-Escolar e o 1ºCEB. Para tal, é estritamente necessário que, tanto professores como educadores, conheçam bem os documentos reguladores de ambas as valências e que os dominem. Na mesma linha de pensamento, Oliveira (2014), afirma que:

Independentemente dos modelos curriculares adotados pelos educadores e professores do 1º ciclo, uma metodologia de trabalho comum poderá promover e estimular a aprendizagem e a construção do conhecimento de forma sequenciada.

É importante que os educadores tenham consciência do processo de desenvolvimento de cada criança, ajudando-a na progressão das suas capacidades. Por outro lado, os professores do 1º ciclo devem assentar os seus ensinamentos nas competências e capacidades que as crianças já desenvolveram. (p.44).

Destacando-se, uma vez mais, a necessidade de um trabalho comum entre profissionais da área educacional, como agentes da continuidade educativa e progressiva, advêm também duas outras grandes questões complementares, mas não menos importantes, que são também alvo de diversas reflexões nos dias atuais. As mesmas, dão título ao seguinte capítulo.

2.1.2. Formação de Professores/Educadores e Gestão Curricular

Watt e Marion Flett, citados por Nabuco (2002), afirmam, num estudo por eles realizado, que os docentes excluem os pais no processo de transição por não terem formação para saber trabalhar em conjunto com eles. Já as OCEPE (1997), tentam evitar esta realidade, realçando a necessidade de uma mudança, defendendo que: “Os pais, como parceiros do processo educativo, têm também um papel fundamental nas atitudes da criança face à escola e no acompanhamento da transição. Cabe aos educadores, mas também aos professores do 1º ciclo, facilitar a sua participação no processo” (p.92).

Têm então os pais (encarregados de educação) um papel bastante importante na educação dos filhos. A educação “base” e primordial na vida de uma criança, é iniciada no seio familiar, desde a sua mais tenra idade, ou seja, a mesma parte dos pais. Desta forma, são eles os primeiros guias, conselheiros, cuidadores e acompanhantes da criança. São também aqueles que lhes dão os primeiros alicerces e ferramentas para as primeiras aquisições e competências. Com efeito, sendo o papel dos pais tão significativo, importante e próximo, como podem os docentes afastá-los do percurso escolar dos seus filhos?

Em resposta a esta questão reflexiva emerge a necessidade de uma formação de docentes adequada. É necessário que os professores/educadores estejam preparados e aptos para saberem lidar com os pais, integrando-os na educação dos seus filhos.

Em meados da década de 60, com vista a dar resposta às necessidades sociais, surgiram “Programas de Educação Parental”, os mesmos propunham um envolvimento parental na educação e uma aproximação entre pais e docentes que beneficiasse todos os

intervenientes. Tais programas, segundo Silva & Martins (2002, p.80) apresentam como objetivos principais:

- Mudar a atitude dos professores face à participação dos pais na vida escolar;
- Educar e formar os pais;
- Apoiar os pais na educação dos seus filhos;
- Promover o sucesso escolar dos alunos;
- Aumentar as expectativas dos pais acerca da sua capacidade para ensinar os seus filhos;
- Fomentar a relação escola/família.

Com estes objetivos, fica clara a intenção de proporcionar às crianças uma educação contínua, como também de apoiar os seus intervenientes, facilitando-lhes o acompanhamento próximo deste processo, através de uma parceria pensada e estruturada.

Segundo Epstein referenciado por Silva & Martins (2002), “as parcerias cada vez mais frequentes entre famílias e escolas contribuem para a melhoria do clima escolar, proporcionam suporte às famílias, aumentam as competências dos pais, ligam as famílias à escola e auxiliam os professores no seu trabalho docente” (p.29).

Já no que trata a formação de docentes, abrindo horizontes para parcerias e relações escola/família, esta não tem obrigatoriamente de se prender apenas com a escola de formação inicial, pois “partindo do pressuposto de que a formação pessoal/profissional se constrói ao longo da vida, não podíamos deixar de (...) criar oportunidades para a construção de uma cultura profissional apoiada na socialização e num quadro reflexivo, ecológico e sistémico da vida dos sujeitos e do próprio sistema educativo” (Garcia et al, 2002, p.70). Quer isto dizer que a formação deve ser contínua ao longo da vida e que, para tal, devem ser criadas oportunidades múltiplas de formação, onde predomine a interação com os outros e a reflexão conjunta, contribuindo para um sistema educativo mais coeso e para a própria construção pessoal.

Emergindo também a necessidade cada vez mais urgente de articulação entre estas duas valências, não se pode negar que o currículo do 1ºCEB é, atualmente,

bastante complexo, sendo a falta de tempo uma questão bastante salientada pelos professores. Sabendo-se por outros autores já referenciados que o currículo deve ser flexível, porque não integrar nele práticas comuns com outras instituições? Porque não procurar recursos noutras instituições e aproveitá-los para benefício dos seus alunos, fomentando uma parceria? Porque não explorar a Língua Portuguesa através da assistência à “Hora do Conto” noutra escola ou mesmo numa biblioteca de uma instituição de pré-escolar?

De acordo com Roldão (2003):

Significa isso que os profissionais as escolas assumam o currículo simultaneamente como seu instrumento, seu campo de trabalho, e como seu objecto de estudo, para sobre ele produzirem conhecimento e acção. O currículo, mesmo no seu nível enunciado e explícito, situa-se cada vez mais no campo da reconstrução pelas escolas e professores que se constituem, a nosso ver, nas instâncias cuja especialidade é inequivocamente curricular. (p.30).

Deste modo, depende (quase) somente da equipa educativa articular melhor e promover esta parceria tão benéfica e importante numa perspectiva contínua da educação. É preciso ajustar práticas e adequá-las, é preciso tomar medidas em prol do bem-estar das crianças, mas tal não se trata de ignorar o currículo, pelo contrário.

Trata-se sim de decidirmos nós, num campo de escolha balizado por normas mais abertas, o que consideramos melhor e mais adequado e porquê, de pôr em prática e ver que resulta, de avaliar e modificar o que não está adequado. Trata-se afinal de passarmos a ser menos funcionários de um sistema que define todas as regras e tornarmo-nos cada vez mais gestores de decisões (...) – o que nos permita ser sobretudo críticos exteriores (Marques & Roldão, 1999, pp.18-19).

Posto isto, segue-se o estudo empírico inerente a este Relatório Final, onde se irão aprofundar estas temáticas, tendo por base um estudo de caso realizado que envolve o Centro Social Paroquial de Vale de Figueira e a Escola Básica Miquelina Pombo.

Parte III

3. Estudo Empírico

À realização deste Relatório Final de Mestrado está diretamente implícita a elaboração de um trabalho de investigação, tendo por base alguma questão ou observação surgida em contexto de estágio. Assim, segue-se a questão de partida que irá dar início a todo este trabalho.

3.1. Objeto de Estudo – Questão de partida

Sabendo que o tema da presente investigação deve partir de alguma situação ou observação em contexto de estágio, mais atentas e refinadas se tornam as observações do estudante, visando encontrar algo que lhe suscite interesse e vontade de aprofundar (investigar).

Confesso que não foi fácil deparar-me com algo que me prendesse a atenção ao ponto de me motivar para desenvolver um trabalho investigativo, contudo, durante o meu estágio em pré-escolar, perto do fim do ano letivo, certo dia, o grupo dirigiu-se à Escola Básica Miquelina Pombo, com o intuito de a visitarem e conhecerem. Focando-se, maioritariamente, no 1º ano, tinham como objetivo criar bases estruturantes e motivadoras, pois, possivelmente, grande parte do grupo iria frequentar essa escola no ano letivo seguinte.

Esta sim, foi uma situação que me suscitou interesse, pois confesso que desconhecia a existência desta prática, assim, cresceu a vontade de aprofundar mais a questão da Transição do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico – tema este que dá nome ao presente Relatório Final e à seguinte investigação.

A mesma, forçar-se-á em explorar esta prática, permitindo-me aprender o mais possível sobre ela.

3.2. Metodologia e procedimentos

Centrando-se esta investigação numa prática tão singular entre duas instituições e no aprofundamento da mesma, esta, caracteriza-se por ser um Estudo de Caso. Segundo

Stake (2007), “O estudo de caso é o estudo da particularidade e complexidade de um único caso, conseguindo compreender a sua actividade no âmbito de circunstâncias importantes” (p.11).

Para Yin (2003), o método de investigação através de um estudo de caso deve ser colocado em prática quando o investigador pretende focar as condições do contexto em que se encontra por se considerarem bastante pertinentes para o fenómeno analisado.

Aos olhos de Bogdan & Biklen (1994, pp.89-90), a estruturação-base de um estudo de caso pode ser vista como um “funil”. Assim, os autores referem alguns passos-chave para a realização de um estudo de caso, sendo eles:

- Seleção do objeto de estudo (pessoas ou locais);
- Recolha de dados e exploração dos mesmos;
- Organização e distribuição do tempo;
- Escolha de pessoas a entrevistar (no caso de recorrer a entrevistas);
- Restrição da exploração e análise de dados.

De acordo com Merriam (1998), um estudo de caso qualitativo distingue-se através da sua “descrição intensiva, holística e pela análise de cada circunstância, fenómeno ou unidade social” (p.27)

Posto isto, a metodologia da presente investigação educacional define-se como sendo um estudo de caso de cariz qualitativo.

Referenciando Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (2008), relativamente às metodologias qualitativas, “estas privilegiam o contexto da descoberta como contexto de partida de uma investigação (...) contexto ao qual está, aliás, associada a abordagem indutiva”. Já Van der Maren, citado pelos autores acima referidos, caracteriza as metodologias **qualitativas** “pelo processo indutivo exploratório (...) e pela formulação de teorias interpretativas e prescritivas”. De contrário, caracterizam-se as metodologias **quantitativas** pelo “processo hipotético-dedutivo e experimental (...) com o apoio de teorias formais” (p.96). Assim se distinguem estas duas metodologias centrais na área de investigação.

Posto isto, o presente estudo de caso apresenta como objetivos principais:

- Averiguar a importância do processo de transição do pré-escolar para o 1ºCEB;

- Conhecer as práticas dos educadores/professores no processo de preparação/adaptação (respetivamente) no processo de transição;
- Compreender o papel das coordenações das instituições nesta prática;
- Compreender a importância da parceria e articulação entre professores e educadores.

3.3. Instrumento de Recolha de Dados

Após os objetivos delineados, segue-se então o processo de recolha de dados que foi realizado através de entrevistas estruturadas.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), uma entrevista consiste numa conversa intencional entre diversos sujeitos, em que um tenta recolher informações sobre o outro. Assim, “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p.134).

De acordo com Afonso citado por Sobralinho (2015), existem três tipos de entrevistas, sendo estas: “Entrevistas estruturadas; Entrevistas semi-estruturadas; Entrevistas não-estruturadas” (p.35). Cada uma destas prende-se com a estruturação (ou não) de uma entrevista e as respetivas perguntas, podendo elas ser mais ou menos diretas, deixando ou não margem para outras informações.

Assim, procedeu-se à formulação e realização de entrevistas estruturadas, tendo em conta as pessoas que pretendia entrevistar e os meus objetivos de estudo. Importa frisar que, antes de aplicar as entrevistas aos intervenientes das instituições em estudo, as mesmas foram previamente testadas com uma professora e reformuladas por não se encontrarem completamente de acordo com a informação que pretendia obter.

As entrevistas (anexo C, p.51) são compostas por 6 objetivos e suas respetivas questões: 16 questões (educadora e professora) e 17 questões (coordenação PE e 1ºCEB). Os objetivos das entrevistas passam, inicialmente, por caracterizar as docentes entrevistadas e os seus percursos profissionais. De seguida, visa-se averiguar a importância da transição do pré-escolar para o 1ºCEB. Posteriormente, cada entrevista foca-se um pouco mais para a docência da participante entrevistada e nas suas funções, tentando compreender práticas de professores, educadores e respetivas coordenações, no que trata este processo de transição e adaptação. Como tal, a entrevista à educadora foca

o processo de transição, a entrevista à professora foca o processo de adaptação e as entrevistas às coordenações averiguam a importância dos seus papéis e de que forma contribuem para que esta transição e adaptação ocorram da melhor forma. Existem ainda questões comuns e transversais a todas as entrevistas no que trata a importância da articulação entre professores e educadores para benefício deste processo.

As entrevistas foram então estruturadas segundo um guião que facilitou a comunicação e a recolha de informação.

As entrevistas foram ainda gravadas em suporte áudio, facilitando a recolha de informação e permitindo-me estar mais atenta ao discurso das entrevistadas.

3.4. Participantes nas Entrevistas

Tendo em conta os diversos intervenientes deste estudo de caso e da prática propriamente dita, no que trata o processo de preparação e adaptação a esta transição, salientam-se os professores e educadores. Contudo, as suas práticas, a nível de parcerias com outras instituições, passam, impreterivelmente, pelas coordenações das mesmas. Assim, considerou-se pertinente entrevistar dois docentes de cada valência, atendendo à sua função na instituição e que estivessem a par desta prática. Para cada elemento, estruturou-se uma entrevista apropriada à sua docência, com o objetivo de recolher o máximo de informação possível, ou seja:

- **Entrevista a uma educadora do pré-escolar (Ed.PE):** Educadora de Infância, com 37 anos de idade e 15 anos de serviço. Tem como habilitações literárias a Licenciatura e caracteriza o seu percurso profissional como evolutivo e bastante marcante pela positiva, estando a par também com algumas das suas melhores fases profissionais. Atualmente, encontra-se com um grupo de pré-escolar.
- **Entrevista à coordenadora das educadoras do pré-escolar (Coord. PE):** Profissional com 38 anos de idade e 15 anos de serviço completos. Como habilitações literárias apresenta a Licenciatura em Educação de Infância. Além de Educadora de Infância desempenha também funções administrativas, sendo coordenadora das educadoras e também diretora técnico-pedagógica.

Refere o seu percurso profissional como bastante positivo e em ascensão. Inicialmente, começou por dar aulas, sendo orientadora de estágios mas, posteriormente, decidiu ligar-se definitivamente aos mais pequenos, focando-se nesta profissão. No presente ano, acompanha um grupo de pré-escolar.

- **Entrevista a uma professora do 1ºano, do 1ºCEB (Prof 1ºCEB):**
Com 44 anos de idade e 22 anos de serviço, o seu Mestrado focou-se na área da psicologia, sendo então professora do primeiro ciclo que acompanha, atualmente, o 1ºano de escolaridade. Ao longo do seu percurso, considera ter tido o privilégio de ter trabalhado nas duas vertentes (pública e privada) mas, o que lhe dá realmente prazer é ter já acompanhado alguns grupos desde o 1º até ao 4ºano de escolaridade.
- **Entrevista à coordenadora do 1ºCEB (Coord. 1ºCEB):**
Com 51 anos de idade e 30 anos de serviço, é a coordenadora da presente escola, ocupando-se ainda de um grupo do 2ºano. Como habilitações literárias, obtém a Licenciatura em Ensino no 1ºCEB e uma Pós-Graduação em Administração Escolar. Com efeito, frisa no seu percurso profissional diversas situações de chefia, gestão e administração, tendo ainda trabalhado com adultos no ensino recorrente.

Irei então, de seguida, analisar e sintetizar as informações recolhidas através das entrevistas realizadas às participantes envolvidas neste estudo de caso em questão que, desde o princípio, mostraram interesse e disponibilidade em participar.

As entrevistas apresentaram um discurso claro e muito informal que é perceptível e permite retirar informações e conclusões.

Inicialmente, algumas das participantes encontravam-se um pouco menos à vontade por não saberem ao certo o que lhes iria ser questionado. Contudo, essa postura foi desvanecendo com o decorrer da entrevista, dando lugar a uma postura bem mais informal e descontraída, com um toque pessoal por parte das entrevistadas.

Importa frisar que, no que trata as entrevistas realizadas na valência pré-escolar, as entrevistadas encontravam-se mais à vontade pelo facto de já me conhecerem por eu ter estagiado naquela instituição, o que facilitou a recolha de informação.

Todas as participantes foram previamente informadas da finalidade das entrevistas, frisando o facto de não serem expostos nomes que colocassem em causa a privacidade óbvia das entrevistadas.

Parte IV

4. Apresentação, análise e discussão dos resultados / Síntese

Com a realização das entrevistas para recolha de informação sobre esta prática de transição entre as presentes instituições, foi possível cruzar as informações das participantes neste estudo de caso, partindo da transcrição das entrevistas (anexo C, p.51). Assim, apresentam-se as ideias-chave resultantes da análise da informação.

Para iniciar a presente discussão dos resultados, é fulcral frisar, desde já, a extrema importância dada por todas as docentes ao processo de transição do pré-escolar para o 1ºCEB, demonstrando-se de acordo. Todas as participantes atribuíram grande ênfase a esta transição no percurso escolar e educacional das crianças, frisando-a como uma “fase de grande desenvolvimento global da criança e de elevadas aquisições” (Coord. 1ºCEB). Todas as participantes demonstram-se também estar bastante conscientes das consequências de uma boa ou má transição e adaptação, referindo que “se a integração for positiva, podemos vir a ter um aluno interessado e de sucesso” (Ed.PE). Contudo, o contrário também poderá ser verificado se a transição não for facilitada, e a integração não for tão positiva. Indo ao encontro das palavras de Sim-Sim (2010) anteriormente referidas, também a Coord.PE referiu a transição como uma fase de luto, pois existe sempre uma perda (espacial ou afetiva). Deste modo, acrescenta também que deverá então ser acompanhada e vigiada, tanto pelas docentes intervenientes, como também pelos pais e respetivas famílias, complementando os ideais de Silva & Martins (2002).

Tendo então em conta a importância atribuída pelas entrevistadas a este processo de transição, todas focaram posteriormente a importância inerente em preparar as crianças para tal. Desta preparação, focam-se alguns aspetos essenciais, sendo que é bastante importante “tentar abrir os olhos” às crianças aos poucos, mostrando-lhes que irão conhecer uma nova realidade um pouco distinta e, para tal, é essencial ir-lhes falando sobre essa nova realidade, que irão passar mais tempo sentados, que irão aprender coisas novas... (Ed.PE). Também a Coord.PE considera bastante importante preparar as crianças, ir falando com elas aos poucos e com naturalidade mas de uma forma **contínua** e não apenas no último ano, pois “quanto mais vezes se fala no assunto de uma forma suave e delicada, melhor é a integração”. Assim, ir-se-ão desvanecendo

medos, receios e inseguranças se tudo for falado e preparado com tranquilidade e harmonia. Já a Coord.1ºCEB acrescenta uma ideia enriquecedora que deve estar bastante presente nas nossas práticas, pois preparar para esta transição “Não (é) fazer o trabalho que se irá desenvolver posteriormente no 1º ciclo mas sim dar-lhes ferramentas no sentido de ela (criança) conseguir depois estar apta às aquisições do 1º ciclo”.

Numa vertente mais prática desta preparação e adaptação, foram focadas diversas ideias bastante pertinentes. A Ed.PE afirmou preparar o seu grupo em todas as vertentes, pretendendo atingir os “objetivos dos perfis de desenvolvimento” mas, sobretudo, considera mais pertinente prepará-los a nível “interior”, levando-os a criar autoconfiança, segurança, a acreditarem neles próprios e a nunca desistirem. Deste modo, tenta assim dissipar ideias ou frases, tais como “eu não sou capaz”; “eu não consigo”. Com isto, a criança irá ter bases e persistência, conseguindo atingir com mais sucesso os seus objetivos, sendo estes alguns dos princípios básicos para aprendizagens mais complexas. Na mesma linha, a Coord.PE acrescentou a realização do “Espaço Finalistas”. Este é um período diário, apenas dedicado aos finalistas (crianças que irão ingressar no 1º ano no ano letivo seguinte). Neste espaço, as crianças finalistas realizam trabalhos especificamente orientados para elas, tendo ao seu dispor vários adultos que as acompanham e ajudam na realização desses mesmos trabalhos. Segundo a Coord.PE, este procedimento diário ajuda-as a compreender melhor o que irão encontrar no 1º ciclo, não sendo tão brusca esta transição, frisando que, deste modo, as crianças sentem-se mais responsáveis e valorizadas por realizarem trabalhos “para os mais crescidos”, aumentando-lhes a autoestima. Assim, é-lhes facilitada esta transição. Já no que trata o processo de adaptação, a Prof.1ºCEB comentou que este é um processo demorado que não leva dias nem semanas, mas sim todo o ano letivo, registando-se, uma vez mais, a continuidade inerente a todo este processo de transição/adaptação.

Por ter estagiado no Centro Social Paroquial de Vale de Figueira, também eu própria pude registar de perto uma prática mais articulada entre as docentes desta instituição e as da Escola Básica Miquelina Pombo. Como tal, um dos objetivos centrais deste estudo de caso foi assim conhecer mais aprofundadamente e do ponto de vista dos intervenientes, como se realiza este processo entre ambas as instituições.

Estas duas instituições registam e fomentam a parceria entre elas existente, parceria esta que se mantém dada a proximidade das duas instituições e a “complementaridade” que existe no serviço de ambas, ainda que sem qualquer ligação direta, ou seja, quando as crianças terminam o horário letivo na escola, as auxiliares do

Centro esperam-nas ao portão e são encaminhadas para o CATL (quando assim solicitado pelos encarregados de educação). Resultante desta parceria, surgem diversas oportunidades para que, tanto os docentes, como as crianças de ambas as instituições, ao longo de cada ano letivo, estejam em contato. Segundo as participantes entrevistadas, sucede-se assim esta prática: em meados do mês de Maio, a Coord.PE comunica com a Coord.1ºCEB e ambas tentam encontrar, atempadamente, uma data ajustada, tendo em conta que a escola se encontra em preparação para os exames. Após a data agendada, as crianças são informadas que irão visitar a escola dos mais crescidos. Desta forma, ao chegarem, fazem uma visita ao espaço, conhecendo assim os espaços mais importantes e interessantes da escola: salas de aula, refeitório, casas de banho, biblioteca, ginásio... Visitam também as salas de primeiro ano, onde posteriormente serão recebidos se ingressarem nesta escola. Nas salas, as crianças apresentam-se, falam um pouco de si e os mais velhos presenteiam os mais novos com um desenho ou outra lembrança previamente elaborada., permitindo assim a criação de laços afetivos. No fim, e como não podia deixar de ser, “passeamos pelos espaços de jogos que é sempre apelativo porque a escola não é só aquilo que é lecionado, é também o recreio, é também a parte da socialização” (Coord.PE). No recreio, podem também desfrutar um pouco do espaço, sentando-se à sombra a beber um leite com chocolate oferecido pela escola. Ao longo de toda a visita vão sendo explicados, pelas docentes, diversos aspetos importantes ou feitos comentários pertinentes que ajudem as crianças a compreender parte da dinâmica escolar, tranquilizando-a, por exemplo: se a criança se esquecer do lanche quando for para a escola, “se isto acontecer, tenho uma alternativa e a educadora explicou como é que isto era” (Coord.PE). No fim da visita, quando regressam ao Centro, realiza-se o balanço da visita com alguns elementos registados pela educadora ao longo da mesma. Regista-se então o que mais gostaram, o que menos gostaram, o que acharam e a visão que tiveram da escola. Dá-se assim espaço para um diálogo partilhado e bastante útil que permite às crianças partilharem opiniões, experiências, sensações, receios, etc.

Segundo a Prof.1ºCEB, esta é uma prática que possibilita uma relação “mais próxima entre crianças e o espaço e os professores e as educadoras” que, contudo “poderia ser mais tempo e mais vezes”.

Desta forma, na opinião geral das docentes, este é um processo que deve ser encarado e ultrapassado com tranquilidade, valorizando esta fase na vida de uma criança como uma boa etapa que ela está prestes a alcançar, motivando-a para tal. Esta prática, permite às crianças que irão ingressar no 1ºano a antecipação benéfica, desvendando um

pouco a nova dinâmica escolar, possibilitando-lhes assim a diminuição de receios, inseguranças e ainda a criação de laços afetivos com as crianças que já se encontram em fase escolar. Importa frisar que, tanto a Ed.PE como a Prof.1ºCEB afirmaram haver outro tipo de atividades ou práticas que facilitam o processo de transição/adaptação das crianças. Assim, a Ed.PE afirma que: “eu enquanto educadora tenho sempre atividades específicas para os finalistas, mesmo que estejam integrados num grupo heterogéneo (...) ou melhor, as atividades podem ser as mesmas e os objetivos serão diferentes para crianças dos 3 e dos 5 anos. Portanto, nós fazemos toda essa preparação e todos esses trabalhos um pouco diferentes à base de grafismos, soma, subtração, de forma lúdica, claro, mas abordamos todos esses temas com eles para já irem um bocadinho mais familiarizados”. Já a Prof.1ºCEB declara que os Programas e as Metas são bastante exigentes e, por isso, os materiais utilizados são os que esses documentos reguladores sugerem, contudo, “Permitimos também que eles no recreio tragam brinquedos para facilitar um pouco a adaptação (...) e também implementei os jogos tradicionais (...) Tudo aquilo que lhes permite brincar em grupo, a pares para que brinquem mais e aprendam a brincar”. São também utilizados materiais didáticos, tais como fios de contas, cartazes e etiquetas de palavras ou imagens para uma visualização mais fácil.

Dada a importância evidente desta etapa educacional, existem alguns aspetos a ter em conta, tanto na **preparação** da transição, tais como: oferecer às crianças o maior número de conhecimentos possíveis para que se adaptem ao que lhes irá ser solicitado no 1ºano, ajudá-las a ter organização pessoal e ritmo de trabalho, proporcionar-lhes diversas experiências (sensoriais e emocionais, por exemplo) e o maior contato possível com todos os materiais didáticos e recursos disponíveis, sendo que, através da prática e do treino, já se encontrarão familiarizados com determinada situação ou experiência quando ingressarem no 1ºano, desta forma sentir-se-ão mais seguras e capazes. “É importante eles sentirem-se seguros porque já experimentaram, já fizeram, já viram fazer e quanto mais experiências lhes dermos a todos os níveis e áreas de desenvolvimento, mais seguros eles se sentem e melhor eles vão estar, em pleno numa escola” (Ed.PE). Contudo, é necessário ter cuidado para não escolarizar o pré-escolar. Já no que trata a **adaptação** após a transição para o 1ºano, é importante para as docentes que as crianças não ganhem aversões à escola. Para tal, é fundamental que se realizem atividades iniciais e receção, onde os meninos mais velhos (do 4ºano) “apadrinham” os mais novos que chegam ao 1º ano, criando laços essenciais. É também de extrema importância as reuniões prévias com os encarregados de educação, que visam fornecer

informações pertinentes sobre a escola, a sua dinâmica e outras informações úteis para que os pais possam acompanhar em pleno os seus educandos, estando a par com este processo. É também frisada pela Prof.1ºCEB a importância de regras comportamentais que facilitem a transição, tais como: saber-estar, saber comportar-se e saber relacionar-se com os outros., evidenciando-se a importância da socialização entre o grupo e com o docente.

Existem também alguns indicadores que nos ajudam a compreender se a criança já está apta para essa transição. Assim, apresentarem um desenvolvimento adequado à sua faixa etária e alguma maturidade, são aspetos fulcrais para que a criança possa transitar. A Coord.PE acrescentou ainda que as crianças não são todas iguais. São seres individuais, com características individuais e, por isso, apresentam um desenvolvimento individual. Como tal, as crianças não desenvolvem todas as mesmas competências, ao mesmo tempo, por isso, nem todas apresentam o mesmo grau de maturidade. Desta forma, por vezes é necessário e aconselhável que esta transição seja protelada (quando as crianças ainda se encontram em idade condicional), permitindo-lhes ganhar mais alguma “robustez”, maturidade, experiência e segurança. Do mesmo modo, existem igualmente indicadores frisados pelas docentes do 1ºCEB, que nos permitem verificar se a adaptação da criança ao 1ºano foi favorável e bem-sucedida. É então bastante positivo quando a criança está feliz, contente, quando brinca e se relaciona com os outros. “Se faz um bom trabalho é porque está interessada e motivada” (Prof.1ºCEB). É também deveras importante o “feedback” dado pelos pais, evidenciando-se, uma vez mais, a importância do seu papel, também de acordo com as OCEPE (1997) que afirmam a educação pré-escolar como “complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação” (p.22). Desta forma, a Coord.1ºCEB conclui afirmando que a própria atitude da criança e a forma como está na sala e com os outros são indicadores bastante importantes.

Quanto se trata de averiguar a importância de uma parceria entre professores e educadores, a opinião é unânime, salientando-se bastante a extrema importância desta parceria: Segundo a Coord. 1ºCEB, esta é uma questão “muito importante porque penso que há uma linha condutora de todo o processo de desenvolvimento de uma criança e nesse sentido, se houver um trabalho contínuo, como acontece aqui, penso que isso é importante na integração”. Seria bastante benéfico, de acordo com a Prof.1ºCEB, a realização de mais atividades entre ambas as instituições ao longo do ano e também se existissem reuniões prévias, entre educadores e professores, antes da chegada dos

alunos do 1º ano, para troca de informações. Indo ao encontro desta informação, encontram-se as docentes do pré-escolar, referindo que ao longo do ano realizam diversas avaliações, registos de desenvolvimento e o perfil geral da criança. Tais informações são entregues aos pais no fim do pré-escolar mas deveriam ser-lhes solicitadas no início do 1ºano ou nas reuniões que deveriam existir entre ambas as valências. Deste modo, seria possível as educadoras facultarem aos professores informações úteis e pertinentes que os ajudassem a compreender melhor as crianças, frisando os seus pontos mais forte e os que apresentam maiores dificuldades. Na mesma linha de pensamento, a Prof.1ºCEB refere ainda que “Quando nós recebemos os meninos, eles têm já uma série de aquisições feitas, ou outras que nem tanto, ou outras que estão em falta... Portanto, é necessário sabermos como é que eles vêm, em que situação é que eles vêm, porque não são todos iguais, nem estão todos no mesmo pé”, o que exige ao professor bastante tempo para aferir estas informações se não lhe forem transmitidas. Se houver essa articulação é mais fácil”. Concluindo, “Aqui, o que devia prevalecer era o superior interesse da criança e se todos nós trabalharmos para isso, todos ficam a ganhar, pois as crianças de hoje vão ser os cidadãos de amanhã...adultos!” (Coord.PE). Ainda assim e apesar da vontade demonstrada, todas as docentes frisaram que esta ainda é uma prática muito pouco comum, devendo existir uma maior articulação e parceria entre valências, principalmente da mesma zona.

Por fim, quando se questiona qual o papel ou a melhor postura a adotar para que todo este processo de transição/adaptação decorra da melhor forma, é interessante como cada docente foca aspetos distintos...Respeitar a criança, o ritmo dela e a sua vontade genuína de brincar e aproveitar o tempo, fornecendo-lhe bases e conhecimentos fundamentais, é a melhor postura a adotar pela Ed.PE. Já a Prof.1ºCEB afirma que é essencial ter calma, convicção e segurança no método que se usa para lecionar, proporcionando uma aula tranquila e com continuidade, existindo uma linha condutora. Para tal, a docente frisa que é indispensável uma boa planificação. Quanto à Coord.PE, foca que o seu papel só é importante se toda a restante equipa educativa estiver em sintonia. Contudo, cabe-lhe fazer o paralelismo entre as instituições. Acrescenta ainda que o papel da coordenação deve ser semelhante ao de uma educadora: capaz de descer ao nível das crianças para compreender e responder às suas necessidades. Já a Coord.1ºCEB defende que o papel da direção é de participação indireta, fazendo com que tudo corra bem sem se evidenciar o seu papel. No fundo, a direção é responsável por passar as ferramentas necessárias a quem trabalha diretamente com as crianças, ou

seja, fornece aos docentes os meios necessários para poderem trabalhar com as crianças, desde o estabelecimento de parcerias, à promoção de atividades inovadoras ou à organização de formações para docentes na própria instituição. A direção tem então o papel de criar pontes entre a escola e o restante meio.

Estes são os aspetos essenciais retirados das entrevistas realizadas, onde, a partir deles, é possível tirarmos algumas conclusões. Foca-se então a extrema importância da transição do pré-escolar para o 1ºCEB e o papel igualmente evidente de todas as docentes intervenientes. Regista-se uma vontade e empenho por parte de ambas as valências em construir e fomentar mais práticas comuns que auxiliem este processo mas, contudo, ainda se faz sentir alguma falta de articulação referenciada por todas as participantes. Ainda assim, são bastante positivas as conceções acerca deste processo, das práticas facilitadoras dele e do trabalho que ainda há por fazer, visando sempre uma melhoria das práticas pedagógicas.

Parte V

5. Implicação do Estudo para a Prática Profissional

O presente estudo de caso permitiu-me investigar e abordar mais profundamente um tema que me suscitou interesse, ao longo da minha prática profissional. Revelou-se assim um trabalho investigativo de cariz qualitativo, onde as entrevistas se demonstraram a principal fonte de informação, nas quais me baseei para tirar diversas conclusões sobre este tema.

Ao poder constatar, junto das participantes, a importância atribuída à transição do pré-escolar para o 1ºCEB, senti um pouco que o meu trabalho foi valorizado, dada a importância, pertinência e relevância deste tema por mim escolhido.

De outra forma, fiquei também bastante satisfeita quando realizei as entrevistas pois, de certo modo, considero que o meu estudo e mais especificamente a concretização de entrevistas, foram também uma forma de levar as docentes intervenientes a refletir, uma vez mais, sobre este tema. Considero também que, ao saberem qual o motivo para a realização das minhas entrevistas, ambas as instituições se sentiam orgulhosas por apresentar esta prática e também a parceria entre elas, tendo assim este estudo contribuído para a valorização e continuidade desta prática tão preciosa e fundamental.

Ao longo deste Relatório Final com base no presente estudo de caso, foi fulcral uma boa pesquisa bibliográfica na qual me pudesse apoiar e sustentar esta prática. Apesar de não ter obtido tantas referências como gostava acerca deste tema, as que obtive permitiram-me aprofundar o tema do ponto de vista de outros autores. Pude também constatar que as opiniões das docentes foram, bastantes vezes, ao encontro de autores que já tinha citado anteriormente, no Enquadramento Teórico. Desta forma, este trabalho de investigação, à semelhança dos estágios, ofereceu-me também a possibilidade de poder construir uma boa “ponte” entre a teoria e a prática. Esta ponte, é algo essencial que ajuda a construir **continuamente** o meu “eu” profissional, mas que não deve ser apenas só tida em conta no período de formação. Há que ter consciência de que toda a carreira profissional é uma constante formação que, por isso mesmo, deve ser sempre acompanhada de teoria/prática e reflexão constante, pois as ideias mudam, há

sempre coisas novas para aprender e nunca nos podemos considerar detentores de toda a sabedoria.

Este tema possibilitou-me também uma visão bastante próxima de perspetivas que, por vezes são distintas, ou seja, atualmente, bastantes são os relatos de professores e educadores que trabalham “de costas voltadas”, numa prática individualizada, focando-se em si próprios. Este trabalho veio, precisamente, realçar a importância do contrário. Veio realçar, sobretudo, a importância de uma prática conjunta, cooperada, integrada e com continuidade, centrando a educação como uma linha condutora que deve ser vista em cadeia nos diversos ciclos escolares. Este trabalho, ajudou também a fomentar a relevância do papel dos pais (encarregados de educação) na participação da vida escolar dos seus filhos. Este trabalho contínuo entre pais, docentes e crianças só consegue ser perspetivado se nele estiver integrado toda a comunidade educativa. Desta forma, é necessário fornecer meios e formação para tal mas, sobretudo, é essencial que cada um tenha consciência do seu papel e da importância dele na vida da criança e no seu bem-estar, zelando pelo seu superior interesse.

Esta é uma prática que ainda precisa de ser bastante alicerçada para não se perder pois, segundo referências das entrevistadas e também dos autores, esta articulação e parceria ainda é muito pouco comum comparado com o que devia ser. Apesar da prontidão e vontade das docentes, falta ainda passar à prática mais frequente, inovando e criando laços entre valências que se devem completar.

Assim, ainda que me tenha sido um pouco complicado escolher um tema para este Relatório Final, considero agora que o escolhi oportunamente, de acordo com os meus interesses. Sobretudo, este é um tema que me permitiu aprofundar mais sobre ambas as valências pois, visto que ficarei habilitada à prática docente em pré-escolar e 1º ciclo, tinha como preocupação trabalhar um tema que me permitisse focar ambas as valências, o que foi alcançado.

Concluindo, o presente estudo de caso integrado no Relatório Final, não só representa a minha penúltima etapa neste percurso de cinco anos, como também representa mais um elemento de enriquecimento pessoal e profissional.

Parte VI

6. Considerações Finais

Com o terminar deste Relatório torna-se indispensável refletir sobre o trabalho desenvolvido. Assim, seguem as considerações finais a ter em conta.

A concretização deste trabalho investigativo permitiu-me abordar e saber mais sobre um tema do meu interesse, tema este que se revelou bastante importante mas também exigente, com alguma necessidade de mudança.

Ao passo que os tempos mudam, também a educação e as suas perspetivas carecem de uma mudança positiva e evolutiva que vise, sobretudo, beneficiar as crianças e a sua aprendizagem e desenvolvimento global.

Oliveira (2014) afirma que:

A transição de uma valência para uma outra é uma realidade recorrente e é essencial o desenvolvimento de estratégias de coesão e de cooperação entre educadores de infância e professores do 1º ciclo do ensino básico, perspetivando-se a continuidade educativa através de uma reorganização curricular e de uma sequencialidade (...). (p.61).

A mesma conclusão foi-me permitida retirar através das entrevistas obtidas, partilhando eu também da opinião do autor. Pude também concluir que não só educadores e professores têm um papel decisivo, como também as coordenações das instituições, É a partir delas que chegam aos docentes as ferramentas necessárias para a concretização do trabalho propriamente dito, ou seja, as coordenações constroem pontes com o meio, apoiando os seus docentes nas estratégias de aprendizagem, possibilitando assim que se relacionem com o meio, com o exterior e também com outras instituições. É também a partir das coordenações que muitas instituições recebem formação contínua (e bastante valiosa). Deste modo, as coordenações têm um papel bastante importante, direto e privilegiado nos processos educativos, podendo transformar práticas, mentalidades e formas de ver o ensino.

Olhar para a educação como uma sequencialidade e uma linha contínua, é extremamente necessário para se fundamentarem boas práticas articuladas. Sabendo-se

que a educação começa desde o primeiro dia de vida, ela não pode sofrer uma quebra sempre que existe uma transição. Deste modo, é fulcral facilitar tais transições e apoiá-las, vigiá-las. Se assim for, este processo será transformado em algo tão natural que passará a ser bem mais valorizado.

É fundamental valorizar esta etapa na vida de uma criança. Não só nesta valorização, mas também noutros aspetos, os pais obtêm um papel crucial. Quando presentes, participativos e apoiantes, os pais tornam-se modelos vitais para as crianças. Com efeito, enquanto modelos, se encararem esta transição com calma, harmonia, segurança e confiança, por sua vez, também as crianças se sentirão calmas, seguras e bem mais confiantes, o que facilitará muito mais a sua adaptação quando ingressam no 1º ciclo.

Apesar de tudo isto ser uma realidade e verdade constantes foi-me permitido apurar, segundo os comentários das participantes, que esta prática é ainda muito pouco comum, sendo quase escassa a articulação entre valências. Os docentes destas áreas devem estar despertos para esta necessidade e passar a colocá-la em prática, fazendo prevalecer o bem-estar e interesse da criança. Se, tanto professores como educadores pretendem dar o seu contributo à Educação, então é imprescindível que articulem as suas práticas e contribuam todos para o mesmo. Por vezes, o pré-escolar e o 1º ciclo podem ser vistos como valências em constante oposição, o que não beneficia em nada os processos educacionais e, por sua vez, as aprendizagens e desenvolvimentos da criança.

Estas foram as principais conclusões que me sugeriu o estudo de caso desenvolvido e que me permitem refletir sobre a necessidade evidente e constante de uma mudança na Educação, o que me faz querer crescer cada vez mais enquanto profissional para, um dia, eu própria poder dar o meu contributo nesta área.

Ficam então todos estes documentos, opiniões, relatos, conclusões e informações conseguidas ao longo da realização do presente Relatório Final, contendo sempre um caráter reflexivo, tendo tudo isto contribuído para a minha formação e enriquecimento profissional mas também para a minha estruturação intrapessoal, tendo assim um grande significado para mim.

6.1. Perspetivas de Futuro

A minha vontade de crescer cada vez mais, faz-me ter ainda alguns sonhos a realizar e planos por concretizar.

Lançando um olhar um pouco mais abrangente ao longo de todo o meu percurso académico, considero-o bastante positivo e em ascensão, sendo que fui melhorando e crescendo cada vez mais, tanto a nível pessoal como também nas minhas práticas. Começando com inseguranças, medos e pouca autoconfiança, cada desafio era motivo de luta e rapidamente se convertia numa barreira a ultrapassar. Assim, os estágios revelaram um papel fundamental no meu crescimento, permitindo-me alcançar metas e superar aspetos menos bons em mim, podendo agora registar uma evolução que, a meu ver, considero bastante positiva.

A área da Educação seja ela em que valência for, não pode ser tomada como algo estagnado ou de conhecimento fixo. Quem escolhe o caminho do ensino deve ter plena consciência de que este é um caminho em constante mudança (de aprendizagens, de vontades, de ideias, de necessidades...) e, para tal, também nós docentes temos de acompanhar estas mudanças. Não podemos oferecer as mesmas coisas, sem mudanças, ano após ano.

Assim, podemos dizer que a formação contínua de docentes é uma necessidade real que deve ser vista com bons olhos, não porque estes estejam mal preparados, mas sim porque têm uma necessidade constante de se renovarem!

Deste modo, consigo perspetivar o meu futuro de uma forma que considero bastante completa em termos profissionais, ou seja, pretendo então ingressar no mundo do trabalho sem deixar para trás a minha sede de aprender e querer saber mais. Sendo um pouco mais clara, é de todo o meu interesse realizar, numa visão futura, o Doutoramento, continuando assim a minha formação.

6.2. Propostas de Investigação

Por vezes, ainda que consigamos atingir os nossos próprios objetivos, pode sempre ficar um ou outro aspeto aquém das nossas expectativas. De certa forma, o mesmo aconteceu neste trabalho investigativo...

Com o tempo bastante limitado e com algumas burocracias necessárias, não me foi possível aprofundar o estudo tanto quanto desejaria. Na minha opinião, teria sido de todo o interesse conseguir estender as entrevistas às crianças que iriam realizar o processo de transição e também aos pais, mas não me foi possível. Como tal, considero importante registar esta vontade que, quem sabe, um dia mais tarde poderá ser concretizada e colocada em prática num estudo mais abrangente.

BIBLIOGRAFIA

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bolhão, A. (2013). *Contribuição do estágio curricular para a formação académica e profissional dos estagiários – um estudo de caso numa instituição de ensino superior*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.

Cardona, M. J. (2006). *Educação de infância. Formação e desenvolvimento profissional*. Chamusca: Editora Cosmos.

Cardona, M. J. (1990). *Para a História da Educação em Portugal – O Discurso Oficial. (1834-1990)*. Porto: Porto Editora.

Censos (2011). *Resultados Definitivos - Região Lisboa*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I. P.

Coll, C., Martin, E., Mauri, T., Miras, M., Onrubia, J., Solé, I. & Zabala, A. (2001). *O construtivismo na sala de aula*. Porto: Edições ASA

Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/transitar>. Acedido a: 05/05/2016

Direção-Geral da Educação (2013). *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf. Acedido a: Fevereiro de 2016;

Formosinho, J., Spodek, B., Brown, P., Lino, D. & Niza, S. (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora

Fosnot, C. (1999). *Construtivismo e Educação: Teoria, Perspectivas e Prática*. Lisboa: Instituto Piaget.

Garcia, A.; Pilré, C.; Barreiros, M.; Bagina, M. (2002). *Formar para agir em continuidade. Uma experiência de formação na ESSE de Portalegre*. *Revista Aprender* nº, 26, 69-72. Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>. Acedido a: 05/04/2016

Garcia, C. (1999). *Formação de Professores – Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

Gonçalves, M.I.F. (2013). *A comunicação na transição do pré-escolar para o 1º ciclo*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garret.

Inafop, M. E. (2001), *Perfis de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Instituto Nacional de Acreditação da Formação de Professores.

Jonnaert, P. (2012). *Competências e Socioconstrutivismo. Um Quadro Teórico*. Lisboa: Instituto Piaget

Kamii, C. (1996). *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto Piaget

Lebrun, M. (2008). *Teorias e métodos pedagógicos para ensinar e aprender*. Lisboa: Instituto Piaget

Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Marchão, A. (2002). *Da formação de educadores e professores aos processos de construção e gestão do currículo nas primeiras etapas da educação básica (Educação Pré-Escolar, 1.º Ciclo)*. *Revista Aprender* nº, 26, 33-40. Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>. Acedido a: 05/04/2016

Marques, R. & Roldão, M. (1999). *Reorganização e Gestão Curricular no Ensino Básico – Reflexão Participada*. Porto: Porto Editora

Merriam, S. (1998). *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*. San Francisco: Jossey-Bass education series.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Monge, I. (2002). Educação Pré-Escolar/1ºCiclo do Ensino Básico – uma perspectiva de continuidade educativa. *Revista Aprender* (26). Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>. Acedido a: 03/05/2016

Nabuco, M. (2002). Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico. *Revista Aprender* (26), 55-61. Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26> Acedido a: 02/05/2016

Oliveira, J. (2014). *Perspetivar a Continuidade Educativa no Processo de Transição da Educação Pré-Escolar para o 1ºCiclo do Ensino Básico*. Relatório Final de Mestrado, Escola Superior de Educação – Instituto Jean Piaget, Almada.

Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas Profissão Docente e Formação – Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote.

Portugal, G. (2002). *Dos primeiros anos à entrada para a escola – Transições e continuidades nas fundações emocionais da maturidade escolar*. *Revista Aprender* (26), 9-16. Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26> Acedido a: 02/05/2016

Regulamento Interno do Centro Social Paroquial de Vale de Figueira. Disponível em: <http://www.cspvalefigueira.com/#!sobre-n/c1z1f> Acedido a: 12/06/2015

Regulamento Interno da Escola Básica Elias Garcia. Disponível em: http://www.agrupamentoeliasgarcia.com/regulamento_interno/regulamento_interno_13_17.pdf Acedido a: 11/12/2015

Ribeiro, A. (1993). *Formar Professores. Elementos para uma teoria e prática da formação*. Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. (1999). *Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.

Roldão, M. (2000). *Gestão Curricular no 1º ciclo. Monodocência-Coadjuvação. Encontro de Reflexão*. Viseu: Ministério da Educação

Roldão, M. (2003). *Diferenciação Curricular Revisitada. Conceito, discurso e práxis*. Porto: Porto Editora

Silva, J. & Martins, E. (2002). Envolvimento Parental na Escola: Relato de uma experiência. *Revista Aprender* (26), 79-88 Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26> Acedido a: 04/05/2016

Silva, M. (2002). Ser professor do 1º ano: que continuidade com a Educação Pré-Escolar. *Revista Aprender* (26). Disponível em: <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>. Acedido a: 05/05/2016

Sim-Sim, I. (2010). *Pontes, desníveis e sustos na Transição do Pré-Escolar para o Primeiro Ciclo da Educação Básica*. Lisboa: Exedra

Sobralinho, V. (2015). *Escola a mais: terá a criança, hoje, tempo para ser criança?* Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, Portugal.

Stake, R. (2007). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, T. (2009). *A educação de infância no cruzamento de fronteiras*. Lisboa: Texto Editora

Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho de Projeto como “Pedagogia de Fronteira”*. Da *Investigação à Prática*, I, 8-20. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

Yin, R. (2003). *Case Study Research: Design and Methods*. United Kingdom: Sage Publications.

Legislação

- Decreto-Lei nº6 / 2001 (cap. II, artigo 5º, ponto 3 c)
- Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto

ANEXOS

Anexo A: Projeto “Os cinco sentidos” – Pré-Escolar



Fig.1 – Confeção de pizzas doces e salgadas



Fig.2 – Atividade sobre o paladar

Anexo B: Projeto “A amizade” – 1ºCiclo



Fig.3 – Construção da árvore da amizade



Fig.4 – A árvore da amizade e o ciclo de vida dos bichos-da-seda

Anexo C: Guiões e Transcrições das Entrevistas

1. Guião de Entrevista à Educadora

Objetivos	Questões
1. Caraterizar a entrevistada	-Qual o seu nome? -Qual a sua idade? -Quais as suas habilitações literárias? -Qual a sua profissão? -Quantos anos de serviço tem? -Desempenha alguma outra função nesta instituição além de Educadora de Infância?
2. Conhecer o percurso profissional do entrevistado	-Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?
3. Averiguar a importância da transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê? -Considera importante preparar as crianças para essa transição? Porquê?
4. Conhecer os indicadores, métodos e procedimentos selecionados e utilizados na preparação para a transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Enquanto educadora, prepara as crianças para essa transição? -Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia à escola que possivelmente frequentarão no 1ºciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza? -Que outros métodos (atividades e materiais) são utilizados na preparação desta transição? -Quais os aspetos essenciais que os

A Transição do Pré-Escolar para o 1º ciclo do Ensino Básico

	<p>educadores devem ter em conta para que o processo de transição para o 1º ano decorra da melhor forma?</p> <p>-Quais os indicadores de que a criança se encontra apta para transitar para o 1ºCEB?</p>
<p>5. Compreender a importância da comunicação/parceria entre educadores e professores</p>	<p>-Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição? Porquê?</p>
<p>6. Compreender qual a perceção que a entrevistada tem sobre a importância do seu papel no processo de transição do pré-escolar para o 1ºCEB</p>	<p>-Qual o melhor papel e postura a adotar pelo educador no processo de preparação para essa transição?</p>

2. Transcrição da Entrevista à Educadora:

1. Qual o seu nome?

M.F.

2. Qual a sua idade?

37

3. Quais as suas habilitações literárias?

A licenciatura

4. Qual a sua profissão?

Educadora de infância

5. Quantos anos de serviço tem?

15

6. Desempenha alguma outra função nesta instituição além de Educadora de Infância?

Não

7. Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?

Tem sido uma grande evolução desde que para aqui entrei porque nós vimos com algumas ideias pré-concebidas quando acabamos o curso e que depois não correspondem à realidade... Porque aquilo que nós aprendemos lá aplica-se a grupos utópicos, situações utópicas e nós temos de nos adaptar às crianças, às necessidades, às características, às famílias, ao meio onde estão inseridas... Portanto, tem sido uma evolução significativa e depois é assim, algumas das nossas fases da vida pessoal, quer se queira, quer não, também interferem com a nossa vida profissional e torna-as ainda mais marcantes, porque quando trabalhamos com as crianças, há momentos na vida que nós partilhamos com

elas, como por exemplo, o facto de estarmos grávidas, de sermos mães... E essas fases foram realmente marcantes. O primeiro grupo que eu tive, que acompanhei desde pequeninos até ao fim, foi também muito marcante nestes últimos 16 anos porque são marcas que ficam na nossa história profissional.

8. Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê?

Claro que sim! É fundamental porque acho que aí começa realmente... Se a integração for positiva, podemos vir a ter um aluno interessado e de sucesso. Se essa integração não for positiva ou não corresponder às expectativas das crianças, ou se quem as vai receber não conseguir dar resposta às verdadeiras necessidades deles, às vezes as crianças acabam por se desmotivar e se desinteressar, por isso eu acho que é muito importante a transição da pré-escolar para o 1º ciclo.

9. Considera importante preparar as crianças para essa transição? Porquê?

Sim, considero importante para eles perceberem que vão encontrar um mundo novo, uma realidade diferente daquela onde estão integrados e nós falamos muitas vezes sobre isso, o facto de terem de estar mais tempo sentados, terem de começar a ser mais responsáveis pelas coisas deles... Portanto, tentar abrir um bocadinho os olhos, sabem que isso só vai acontecer quando eles lá chegarem verdadeiramente, porque só passando pelas coisas é que eles depois conseguem realmente perceber o que é que nós estávamos a falar, só com o tempo. Mas eu acho que essa preparação e esse enquadramento é importante para eles.

10. Enquanto educadora, prepara as crianças para essa transição?

Preparo, sobretudo... Preparo, mas o objetivo principal é que as crianças nunca desistam e que acreditem sempre nelas. “Não sei fazer, não consigo” não se pode utilizar, há que ultrapassar. Todas nós, há uns que desenham melhor, outros que pintam melhor, outros que cortam melhor... Mas eu, o que trabalho com as crianças do meu grupo é que, sobretudo, nunca desistam e que lutem sempre para tentar fazer melhor, dar o seu melhor para aprender, respeitando sempre os outros... Por isso, acho que sim. Acho que tento preparar, sobretudo, tudo isto porque depois isto são as bases para aprender as letras, os números

todos... Claro que essa preparação também existe, porque todo o trabalho tá enquadrado, até temos objetivos nos perfis de desenvolvimento, que eles convêm que saiam daqui totalmente adquiridos, sabem que há crianças que não conseguem adquirir na totalidade porque não são todas iguais, mas sobretudo, essa é a base, o respeitar o outro e lutar, dar sempre o seu melhor e acreditar sempre que vão conseguir.

11. Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia à escola que possivelmente frequentarão no 1º ciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza?

Anualmente fazemos uma visita à escola que trabalha em parceria connosco para eles terem contacto com as salas, com o recreio... Se, eventualmente, conseguirem ficar nesta escola, é benéfico, já a conheceram. Se forem para outra tentamos explicar que são mais ou menos parecidas a esta, com salas de aula, com carteiras, com refeitório... Essa visita é marcada, atempadamente, de acordo com a disponibilidade da escola e com a nossa disponibilidade, sabem que temos sempre de nos tentar enquadrar na disponibilidade deles de final de ano letivo, muitas vezes há preparação de exames... Portanto, a visita é marcada, nós avisamos as crianças que lá vamos e os familiares e depois procedemos à visita e fazemos um registo da visita, do que eles mais gostaram, o que gostaram menos, o que é que acharam da escola, qual foi a visão que tiveram da escola... Eu acho que é importante.

12. Que outros métodos (atividades e materiais) são utilizados na preparação desta transição?

É assim, nós implementámos na nossa instituição o espaço dos finalistas onde eles realizam algumas fichas que já são um bocadinho a preparação da transição para o 1º ciclo porque já são um bocadinho aquilo que eles vão encontrar inicialmente e tentamos fazer com que eles percebam que aquele espaço é um espaço só deles, tem que ser especial e encarado de forma especial e responsável e por isso as atividades que nós proporcionamos a eles nesse espaço e não só, também na sala, eu enquanto educadora tenho sempre atividades específicas para os finalistas, mesmo que estejam integrados num grupo heterogéneo, há sempre espaço para eles e atividades mais elaboradas com objetivos, ou melhor,

as atividades podem ser as mesmas e os objetivos serão diferentes para crianças dos 3 e dos 5 anos. Portanto, nós fazemos toda essa preparação e todos esses trabalhos um pouco diferentes à base de grafismos, soma, subtração, de forma lúdica, claro, mas abordamos todos esses temas com eles para já irem um bocadinho mais familiarizados, assim como outros temas do meio físico e social, as estações do ano, os transportes, o mundo que os rodeia, portanto, a ligação dos animais ao que eles produzem... Tudo isso é importante para eles... São conhecimentos fundamentais e é importante que eles tenham.

13. Quais os aspetos essenciais que os educadores devem ter em conta para que o processo de transição para o 1º ano decorra da melhor forma?

É assim, isso não depende só dos educadores. Nós tentamos prepará-los da melhor maneira, que eles saiam daqui com o maior número de conhecimentos que possam adquirir para depois se adaptar melhor a todo o trabalho que lhes é solicitado, portanto, terem ritmo de trabalho, terem organização...terem método de trabalho. Nós tentamos que tenham postura corporal sentados à mesa, tentamos prepará-los para, mas não podemos responder como é que será essa adaptação porque nós não sabemos em que escola é que vão ficar, com que professor é que vão ficar... Muitas das vezes, a sensação que nós temos é que os professores querem que os meninos cheguem à escola e que, de um momento para o outro, deixem de ser crianças que são, que estão habituados a brincar e que não estão habituados a ter aquele ritmo de trabalho, aquele horário de trabalho, porque não têm maturidade para tal, e nós, educadores de infância, não podemos antecipar. Já muito fazemos, acho eu. Já muito escolarizamos os meninos, demasiado! Porque vivemos numa sociedade de estímulo e temos de nos adaptar à realidade em que estamos integrados e por isso eu acho que às vezes os meninos chegam às escolas e os professores querem começar logo como se eles já soubessem tudo ou que tivessem preparados para tudo e por isso eu nunca consigo responder como é que vai ser essa adaptação. Nós tentamos falar, prepará-los da melhor maneira, temos um vasto leque de objetivos que pretendemos atingir com eles, mas não nos podemos esquecer que a criança “A” pode atingir todos esses objetivos e a criança “B” vai ter mais dificuldade e não consegue, por isso quando for para a escola, certamente que a criança B vai ter mais dificuldades do que a criança “A” e é muito complicado dizer como é que

se vai processar essa adaptação porque não depende de mim. Nós fazemos o trabalho, tentamos dar o maior número de conhecimentos, prepará-los da melhor maneira, tentamos que eles sejam crianças e que brinquem aqui porque também é tão importante!... Eles depois quando chegam ao primeiro ciclo, o tempo urge e o tempo desaparece na vida de muitas delas... Agora, como é que vai realmente ser essa adaptação e essa integração é difícil de dizer concretamente, porque depende de inúmeros fatores.

14. Quais os indicadores de que a criança se encontra apta para transitar para o 1ºCEB?

Tem de apresentar um nível de desenvolvimento adequado à faixa etária. Mesmo não tendo atingido todas as competências que lhes são exigidas, eu acho que isso não é inibidor da criança ingressar no primeiro ciclo, porque algumas até são mais solidificadas já no primeiro ciclo, mas eles levam algumas luzes daqui e depois quando chegam lá, acabam realmente por aprendê-las de uma forma mais consistente, mais concreta. Mas eu acho que os fatores são: terem um desenvolvimento adequado à idade em que tenham, na maioria das áreas, as competências adquiridas e que apresentem algum grau de maturidade a nível emocional, porque há crianças que se nota que podem ter muitas competências mas que não têm segurança nenhuma neles próprios e que são completamente imaturos e infantis e os comportamentos deles ainda são muito desadequados e isso nota-se nalgumas crianças que são condicionais e aí, o meu parecer aos pais é sempre, quando há esses casos, é que protelem mais um ano para que a criança sim consiga depois entrar com mais maturidade e mais segurança nela própria, porque uma criança segura vai ser, certamente, uma criança mais feliz e com melhor êxito. Por isso, eu acho que, às vezes, mais vale atrasar um bocadinho esse processo quando dá, quando a idade assim permite, porque a maturidade é muito importante para a aprendizagem.

15. Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição? Porquê?

Eu acho que sim. Eu acho que era importante haver uma parceria entre nós, que tivemos com eles e os professores que os vão receber, sobretudo nas escolas aqui perto, portanto, aqui a Miquelina Pombo, porque é a escola mais próxima de nós. Eu acho que isso era importante até porque nós podemos dar a conhecer logo ou focar alguns aspetos que são importantes para se compreender a criança e os comportamentos da criança, muitas das vezes, porque temos um conhecimento a nível...até mesmo da vida familiar, da estabilidade emocional ou instabilidade emocional daquela criança... Nisso, se calhar era um bocadinho importante... Crianças que às vezes acreditam pouco em si, ou que vivem em famílias um bocadinho desestruturadas, não é por terem o pai ou a mãe que é sinónimo de família equilibrada, às vezes pelo contrário, muitas das vezes não. Mas tudo isso são fatores que eu acho que era importante passar: “Olha, esta criança passou-se na altura determinada situação; tem mais dificuldades nesta área; tem menos dificuldades naquela” para também não ser uma incógnita para os professores que os recebem. Acho que poderia facilitar se houvesse disposição de ambas as partes, tanto do educador para falar abertamente, como dos professores. Nós entregamos avaliações aos pais... Acho que era importante se calhar, pedir essas avaliações para ler antes do início do ano como nós fazemos aqui. Nós quando transitamos crianças de umas salas para as outras, sobretudo casos que nós achamos que é pertinente, nós falamos sobre essa situação e sobre essas dificuldades que podemos encontrar. Eu acho que também era importante com o primeiro ciclo. Sabes que, às vezes por inúmeras questões, não é viável porque se calhar os professores ainda não acreditam verdadeiramente nas avaliações que a gente faz ou naquilo que nós temos para transmitir, por isso eu acho que ainda há pouco essa parceria ou nada mesmo.

16. Qual o melhor papel e postura a adotar pelo educador no processo de preparação para essa transição?

Respeitar a criança, o ritmo dela, sobretudo. Respeitar a criança e que ela quer brincar e que tem de brincar, tem de fazer disparates, porque se não fizer agora,

também não vai fazer daqui para a frente ou serão ainda mais desadequados... E deixar que ela seja feliz e que ela brinque enquanto tem tempo, dando sempre bases e conhecimentos que são importantes para o desenvolvimento da criança mas não esquecer que é uma criança e que procura, sobretudo, ser feliz e aproveitar os momentos dela como se não houvesse amanhã. Isso é que é ser criança.

3. Guião de Entrevista à Coordenadora das Educadoras

Objetivos	Questões
1. Caraterizar a entrevistada	-Qual o seu nome? -Qual a sua idade? -Quais as suas habilitações literárias? -Qual a sua profissão? -Quantos anos de serviço tem? -Desempenha alguma outra função nesta instituição além de coordenadora das educadoras?
2. Conhecer o percurso profissional da entrevistada	-Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?
3. Averiguar a importância da transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê? -Considera importante preparar as crianças para essa transição? Porquê?
4. Conhecer os indicadores, métodos e procedimentos selecionados e utilizados na preparação para a transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Enquanto coordenadora das educadoras desta instituição, facilita a transição das crianças para o 1ºCEB? De que forma? -Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia à escola que possivelmente frequentarão no 1ºciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza? -Quais os aspetos essenciais que os educadores devem ter em conta para que o processo de transição para o 1ºano decorra da melhor forma? -Quais os indicadores de que a criança se encontra apta para essa transição?

A Transição do Pré-Escolar para o 1º ciclo do Ensino Básico

5. Compreender a importância da comunicação/parceria entre educadores e professores	-Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição? Porquê?
6. Compreender qual a percepção que a entrevistada tem sobre a importância do seu papel no processo de transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Qual a melhor postura ou papel a adotar pela coordenação de forma a facilitar o processo de transição da criança para o 1ºCEB?

4. Transcrição da Entrevista à Coordenadora das Educadoras

1. Qual o seu nome?

S.R

2. Qual a sua idade?

38 Anos

3. Quais as suas habilitações literárias?

Licenciatura em Educação para a Infância

4. Qual a sua profissão?

Sou Educadora de Infância

5. Quantos anos de serviço tem?

Completos, quinze

6. Desempenha alguma outra função nesta instituição além de coordenadora das educadoras?

Sou coordenadora aqui da Instituição e também diretora técnico-pedagógica

7. Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?

Portanto, o meu percurso profissional...é positivo, em ascensão, aliás, eu comecei por dar aulas, fui orientadora de estágios e deixou-me realmente muitas marcas positivas mas não era tanto isso que eu queria. Eu queria mesmo era estar com crianças, queria mesmo era estar no terreno e depois abandonei essa parte da formação de adultos para me dedicar só mesmo às crianças porque era aquilo para que eu tinha estudado. Tenho notado uma diferença desde o início, desde que comecei a trabalhar nesta parte, na maneira de estar das crianças, na maneira de estar dos pais, a sociedade e como tem evoluído...tenho notado uma mudança. Noto as crianças um pedacinho mais despertas a novas tecnologias, são mais espertas e mais rápidas no raciocínio, são mais perspicazes e acho que têm um grande sentido de humor, conseguem perceber rapidamente as

nossas piadas e isso é muito engraçado, desde tenra idade conseguirem atingir este tipo de coisas que os adultos dizem.

8. Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê?

Eu acho que sim. Aliás, há pedagogos que dizem que, quando eles passam do pré-escolar para o primeiro ciclo, eles passam uma fase de luto, portanto nós, durante a nossa vivência, vivemos trinta e tal lutos e, quer nós queiramos, quer não, é uma fase marcante e se não for uma fase bem acompanhada, se não for sentida de uma forma entusiasta, pode não despertar nas crianças o gosto pela aprendizagem na escola, porque a escola...tem de se estar predisposto a aprender, tem que se estar predisposto a socializar com os outros e a escola é uma coisa muito completa, há muitos itens numa escola e se eles não tiverem uma boa preparação nesse primeiro ano, acho que é determinante para o resto do percurso académico deles. Se não tiverem a sorte de terem uma boa empatia com a escola e toda a dinâmica de uma escola, se tiverem um momento mais difícil, mais marcante pela negativa, têm mais dificuldade em ultrapassar e têm mais dificuldade em ver quais são as potencialidades que aquela escola pode trazer no seu futuro. E para os pais também...quando deixam uma criança na escola, querem deixá-la de uma forma tranquila e se os miúdos não ficarem de uma forma plena numa escola, os pais não estão bem e os filhos vêm isso na cara dos pais e já o dia vai ser diferente, tanto para os pais como para os filhos. Eu acho que é muito importante esta transição e ser feita de uma forma tranquila, suave, entusiasmante... Eu acho que tem de ser vivido com muita paixão esta transição e acho (acho), que compete aos pais, à escola, à família, ir vigiando e fazer essa boa transição.

9. Considera importante preparar as crianças para essa transição?

Considero, e não prepará-los só no último ano do pré-escolar. Na minha opinião, de vez em quando temos de falar da “escola dos mais crescidos”! Porque eles na escola dos mais crescidos vão fazer coisas que não fazem no pré-escolar. Portanto, vão...já sabem as letras, já sabem os números, já saem daqui com essas bases, já têm vontade em pesquisar, em aprender... mas lá, vão saber juntar as letras, saber fazer contas, é muito importante. E então, quando se tem salas de pré-escolar, de vez em quando tem de se

falar: “Olha, quando tu fores mais crescido, vais fazer estas contas, estás a ver? Tu vais saber fazer isto!” Isto é muito importante, de vez em quando, falar-se nisto, porque as coisas não aparecem no último ano, vão aparecendo. E como eles têm sempre um irmão, um primo, alguém na família que já anda na escola, é importante fazer este paralelismo. Acho que, quanto mais vezes se fala no assunto de uma forma suave e delicada, melhor é a integração.

10. Enquanto coordenadora das educadoras desta instituição, facilita a transição das crianças para o 1ºCEB? De que forma?

Ah sim. Então é assim... Nós aqui na Instituição, temos aqui um espaço que é o “Espaço dos Finalistas”. Nesse espaço dos finalistas, os meninos do pré-escolar que são condicionais ou não, fazem, durante um ano letivo inteiro, um trabalho que é especificamente orientado para as crianças do pré-escolar, finalistas, portanto, que vão ingressar ou não na escolinha primária, no primeiro ciclo em setembro. O que é que acontece? Acontece que esse trabalho é específico para eles. Eles sentem-se mais valorizados e sentem-se mais responsáveis porque eles fazem trabalhos que os outros meninos não fazem e naquele tempo têm as pessoas só para eles. E isso é uma forma de facilitarem a integração no primeiro ciclo.

11. Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia à escola que possivelmente frequentarão no 1ºciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza?

Nós temos também muitas parcerias, efetivamente com a Miquelina Pombo, porque temos muitos meninos que andam lá aqui do nosso Centro, temos lá irmãos de outros meninos que estão aqui. Portanto, nós temos aqui uma certa parceria, vamos lá às vezes a algumas atividades. O ano passado, o nosso projeto tinha a ver com “Uma biblioteca vamos criar e com os livros viajar” e fomos lá visitar a biblioteca, à hora do conto, portanto, eles não desconhecem inteiramente a Miquelina Pombo, mas o que é certo, é que há muitos meninos que nunca lá têm entrado e então o que é que nós fazemos? Em Maio, mais ou menos nesta altura, eu telefono à professora de lá que é a coordenadora da escola e organizo com ela uma visita com os meninos finalistas. E então, naquele

período, em vez de estarem a trabalhar no espaço finalistas, eles vão lá à escolinha, veem o espaço da escola, o refeitório, a casa de banho, as salas de aula que vão estar preparadas para os receber, embora muitos meninos não vão para esta escola, mais ou menos todas as escolas têm a mesma disposição, mais ou menos a mesma dinâmica... e é sempre bom eles familiarizarem-se com outras pessoas que não são aqui do Centro. E então vamos lá, fazemos uma visita pela escola, muitas vezes têm coisas preparadas para nós... um desenho ou uma lembrança que eles trazem daqueles meninos que fizeram para nós, bebemos um leitinho no recreio ali à sombrinha, para também saberem que na escola há um leitinho que podem beber no caso de não terem levado o lanchinho, é muito importante para eles se sentirem sempre confortáveis “se isto acontecer, tenho uma alternativa e a educadora explicou como é que isto era”. Passeamos pelos espaços de jogos que é sempre apelativo porque a escola não é só aquilo que é lecionado, é também o recreio, é também a parte da socialização. Vamos à biblioteca, conhecemos assim a escolinha e isso tranquiliza-os, porque a escola é vivida como: “Ena pá! Eu vou conseguir, eu vou para lá!” Aquilo não é um “bicho de sete cabeças”, aquilo é realmente uma parte importante a que eles estão a chegar na vida deles e isso tem de ser valorizado e fazemos tudo para valorizar essa situação.

12. Quais os aspetos essenciais a ter em conta para um bom acompanhamento e facilitamento do processo de transição para 1º ano?

É assim, as metas curriculares exigem que as crianças, portanto, quando completam o pré-escolar, tenham uma série de competências que devem ter adquiridas. Quanto mais vezes exercitamos uma coisa, mais competentes nos tornamos nessa coisa. É importante no percurso que eles fazem do pré-escolar, terem contato com diferentes materiais pedagógicos que facilitem uma boa exploração depois do primeiro ciclo. Ou seja, é importante que eles tenham sempre contato com as letras e com os números, é importante que eles tenham contato com tesouras... Normalmente, os grupos que eu tenho, normalmente utilizo tesouras logo com dois anos. Quando eles estão na sala dos dois anos, já no final, já têm contato com a tesoura. Não fazem recortes direcionados, não é essa a intenção! Mas que façam, experimentem, colocar os dedos nos orifícios da tesoura, aquilo é difícil e precisa de treino. E treinar as várias competências, as várias áreas de desenvolvimento têm muitas alíneas e é treinar até que ficamos bons naquela

competência. Nós temos de facilitar todo o processo, dar os materiais que consideramos que são importantes a todos os níveis, facilitar este processo pedagógico que é complicado, é complexo. Terem contato com a informática, terem contato com a música, terem contato com todos os materiais a nível plástico, terem contato com muitos jogos... Terem contato com muitas coisas para depois, quando entrarem no primeiro ciclo, já terem experimentado algumas coisas. É assim, o primeiro ciclo... Nem todas as crianças precisam de fazer a letra manuscrita e a letra de imprensa. Mas nós sabemos que no primeiro ciclo é natural, porque há um programa que tem de ser cumprido, mas eles não têm tanto tempo para experimentar fazer o A manuscrito, etc. Se nós formos, de uma forma suave e tranquila “Vamos lá fazer esta letra que tem ondinhas e foi ao cabeleireiro!”... é uma coisa tão fácil e que vai começar a entrar e eles quando chegam lá: “Ahh, eu já sei fazer isto, pelo menos já sei como se faz”. Mesmo que não fique tão bem feito, o treino vai ajudando. É importante eles sentirem-se seguros porque já experimentaram, já fizeram, já viram fazer e quanto mais experiências lhes dermos a todos os níveis e áreas de desenvolvimento, mais seguros eles se sentem e melhor eles vão estar, em pleno numa escola. A escola é diferente, a dinâmica é diferente, a hora do recreio é diferente, a hora do almoço é diferente e é natural que eles tenham às vezes um bocadinho de “jogo de cintura”.

13. Quais os indicadores de que a criança se encontra apta para essa transição?

Pois...essa pergunta traz “pano para mangas”... Nós não somos todos iguais e as crianças não são um número, são serem únicos e individuais e têm características individuais. Nem todas têm um desenvolvimento das mesmas competências ao mesmo tempo. Há crianças que demoram mais tempo a desenvolver uma competência do que outras, há crianças que necessitam de ficar muitas vezes individualmente com uma pessoa para conseguir essa competência treinando-a... E há crianças que para adquirir determinada competência são imaturas ainda. Muito embora, às vezes, eles tenham idade de ingressar no primeiro ciclo, às vezes era importante... Claro que não têm nenhum défice cognitivo, nem pouco, mais ou menos, não tem nada a ver com isso, mas estão predispostos para outras coisas... Ou mais para artes, ou mais para o exercício físico... nós não somos todos iguais... mas há crianças que, a meu ver, é importante ganharem mais robustez e sentirem-se

mais à vontade nas atividades para depois ingressarem no primeiro ciclo. Às vezes os pais tentam protelar as situações e pediam adiamento porque acham que os filhos são muito pequeninos e há outros ao contrário que, com cinco anos, já querem que os filhos vão para a escola. Há determinadas competências que têm de estar adquiridas e às vezes não estão. Aí, temos o papel de dizer “Se calhar era mais importante refletir se não será melhor ele ficar mais um aninho no pré-escolar para ganhar mais robustez, mais confiança, mais maturidade” e os pais aceitam ou não a nossa sugestão. A experiência que eu tenho tido é que eles aceitam e até agradecem e tentam protelar. Claro que não é um caso recorrente. Se calhar numa sala, há um caso desses. E também não é necessário apressar, eles têm tempo para estar numa escolaridade obrigatória, para estarem sentados a uma mesa muitas horas, têm tempo! É deixá-los crescer e ganhar robustez e fazer mais experiências no pré-escolar porque o pré-escolar é determinante a muitos níveis. Se o pré-escolar não for bem feito a todos os níveis e emocional até, depois vão andar sempre na corda bamba, porque há coisas que demoram tempo a fazer. A meu ver, a título particular, acho que as crianças só deviam entrar na escola com sete anos, porque há determinadas operações matemáticas que ao cérebro só está preparado para fazer com sete anos. Isto é a minha opinião! Aí já estão mais maduros, as sinapses já estão feitas de tal maneira que as coisas processadas muito mais rapidamente.

14. Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição? Porquê?

Eu acho essencial! Aliás, nós fazemos aqui o dossier das competências e fazemos a avaliação, o perfil de desenvolvimento que tem tanta informação e é tão completo a todos os níveis... E nós damos essa informação aos pais porque não podemos dar aos professores mas eu acho que era importante os pais darem ao professor para ele ver e se calhar as competências que estavam menos desenvolvidas, se calhar o professor ia treinar mais. Eu acho que era importante, mas eu também compreendo que é difícil se cada professor receber vinte seis crianças e todas trouxerem o perfil de desenvolvimento com uma bateria de informação e terem de ler aquilo tudo... Mas eu acho que devia haver uma obrigatoriedade em que, para as crianças que frequentam o pré-escolar, os pais deviam levar esse modelo quando preenchem a

ficha de inscrição, para os professores terem uma noção dessa criança, porque lá está muita informação, até mesmo se a criança é mais agitada, se está melhor a matemática, se tem mais dificuldades na concentração... As coisas deviam funcionar em cadeira, em rede. Aqui, o que devia prevalecer era o superior interesse da criança e se todos nós trabalharmos para isso, todos ficam a ganhar, pois as crianças de hoje vão ser os cidadãos de amanhã...adultos! Ou seja, a nossa sociedade só tem a ganhar se nós tivermos crianças felizes, contentes para que se tornem adultos felizes e competentes. Se nós dermos um bocadinho de amor e carinho nesta orientação, se ganharmos tempo com algumas coisas, nós vamos ter adultos muito mais competentes, muito mais felizes e muito mais interessados.

15. Como define o papel da coordenação da instituição no processo de preparação para essa transição?

Eu acho que o meu papel só é importante porque tenho uma equipa que me ajuda neste papel, não é uma pessoa que faz uma instituição, são todas... e desde a cozinha, à limpeza, à equipa da sala, se um falhar, tudo falha neste processo educativo. Portanto, o meu papel é tão valioso como os outros papéis das colegas e compete-me a mim, claro, fazer aquele paralelismo entre a escola, compete-me a mim dar algumas diretrizes mas isto só funciona porque todas as colegas estão em sintonia porque somos uma equipa. Somos todas diferentes mas todas temos aqui o nosso trabalho. Isto, muitas vezes, não é só um trabalho, é uma missão. Portanto, o meu papel não é importante se o papel das outras colegas não for importante, é exatamente a mesma coisa.

16. Qual a melhor postura ou papel a adotar pela coordenação de forma a facilitar o processo de transição da criança no 1ºCEB?

Tem de ser uma postura séria ou brincalhona (risos). Tem de ser a postura de uma educadora também, que desce ao nível da criança e compreende as necessidades das crianças para tentar ver em que é que podemos ajudar para que, efetivamente, eles se sintam mais seguros nessa transição. É uma postura normal, de uma educadora, formadora, com um olho clínico e objetivo, porque queremos que eles sejam todos

felizes e bem integrados no primeiro ciclo. Portanto, qual é o meio para atingir este fim? É um meio objetivo mas de uma forma brincalhona e animada porque isto não é nenhum bicho de sete cabeças, é mais um processo que eles vão fazer ao longo da sua vida, é mais uma etapa que vão passar, tal como a etapa de caminhar, de comer sozinho... Claro que esta, muitas vezes, tem outro tipo de pressões, porque assim que vão para o primeiro ciclo, logo depois vão-lhes perguntar quais as notas que vão ter... Mas tem de ser uma postura brincalhona e objetiva. A postura de uma educadora.

5. Guião de Entrevista à Professora do primeiro ano, do 1ºCEB

Objetivos	Questões
1. Caraterizar a entrevistada	-Qual o seu nome? -Qual a sua idade? -Quais as suas habilitações literárias? -Qual a sua profissão? -Quantos anos de serviço tem? -Desempenha alguma outra função nesta instituição além de professora do 1ºCEB?
2. Conhecer o percurso profissional da entrevistada	-Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?
3. Averiguar a importância da transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê? -Considera importante preparar as crianças para essa transição? Porquê?
4. Conhecer os indicadores, métodos e procedimentos selecionados e utilizados na preparação para a transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Enquanto professora, facilita a transição e adaptação das crianças antes e depois de ingressarem no 1ºano? De que forma? -Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia a esta escola que, possivelmente, frequentarão no 1ºciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza? -Que outros métodos (atividades e materiais) são privilegiados na adaptação ao 1ºCEB? -Quais os aspetos essenciais que os professores devem ter em conta para que o processo de transição e a adaptação ao 1ºano decorram da melhor forma?

A Transição do Pré-Escolar para o 1º ciclo do Ensino Básico

	-Quais os indicadores de que a criança se adaptou e se encontra bem integrada no 1ºano?
5. Compreender a importância da comunicação/parceria entre educadores e professores	-Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição? Porquê?
6. Compreender qual a percepção que a entrevistada tem sobre a importância do seu papel no processo de transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Qual o melhor papel e postura a adotar pelo professor no processo de adaptação a esta transição?

6. Transcrição da Entrevista à Professora do 1º Ciclo:

1. Qual o seu nome?

A.N.

2. Qual a sua idade?

44

3. Quais as suas habilitações literárias?

Eu tenho mestrado em psicologia

4. Qual a sua profissão?

Sou professora do 1º ciclo e ensino básico

5. Quantos anos de serviço tem?

22

6. Desempenha alguma outra função nesta instituição além de professora do 1ºCEB?

Não

7. Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?

O meu percurso profissional foi a começar num colégio particular, trabalhei quatro anos. Depois fiquei vinculada no Estado e há dezoito anos que trabalho no Estado. Entretanto tive a sorte e, por muitas vezes, ter turmas do 1º ao 4º ano, o que é ótimo e já fiz bastantes grupos. Não consigo contá-los mas fiz bastantes grupos do 1º ao 4º ano, o que me dá muito, muito prazer.

8. Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê?

Muito importante. Quando nós recebemos os meninos, eles têm já uma série de aquisições feitas, ou outras que nem tanto, ou outras que estão em falta...

Portanto, é necessário sabermos como é que eles vêm, em que situação é que eles vêm, porque não são todos iguais, nem estão todos no mesmo pé de igualdade e nós podemos também fazer outra parte do trabalho que é fazer uma atividade no início do 1º ano... Atividades que contemplam as necessidades de cada grupo de crianças – o que nos leva bastante tempo a aferir e a perceber se não nos for dito. Se houver essa articulação é mais fácil.

9. Considera importante preparar as crianças para essa transição? Porquê?

Eu tenho muita pena de não haver um programa, como há para o 1º ciclo, para o pré-escolar e o que nós nos deparamos aqui é que há alguma divergência de... No foco das aprendizagens dos meninos do pré-escolar. Há umas educadoras que focam mais umas determinadas atividades e aquisições, outras, outras. E isso depois eles não vêm todos ao mesmo nível, que é muito complicado. Agora, a preparação para a transição... Eu achava que era melhor haver mais diálogo educadoras-professoras, mais reuniões... Internamente nós fazêmo-lo, é ao nível interno do Agrupamento. Ao nível das instituições que depois nos enviam crianças não tem existido essa comunicação. De facto, o Centro vem aqui com os meninos, estão aqui um bocadinho, vão... Mas ainda não é o suficiente quanto a mim.

10. Enquanto professora, facilita a transição e adaptação das crianças antes e depois de ingressarem no 1º ano? De que forma?

É assim, a adaptação das crianças ao 1º ano leva muito tempo. Não se faz numa semana, não se faz num mês, faz-se ao longo do 1º ano todo e eu posso-lhe dizer que eu tenho os meninos do 1º ano, deste ano letivo, já assim adaptados porque até aqui foi um período de adaptação... Foi longo, este período foi muito longo. Demoraram muito tempo ao nível das regras, ao nível de comportamento... foi um grupo muito difícil e cada grupo que vem é diferente, cada grupo que a gente recebe é diferente. Depois, eles todos juntos têm uma dinâmica própria.

11. Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia a esta escola que, possivelmente, frequentarão no 1º ciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza?

Sim. Eles vêm cá, visitam as salas do 1º ano e é quase como conhecer o espaço. Portanto, se calhar ainda havia de haver mais atividades em conjunto ao longo do ano... Uma por período... Para haver uma relação, estabelecer uma relação mais próxima entre as crianças e o espaço e os professores e as educadoras. Podia ser mais tempo, mais vezes.

12. Que outros métodos (atividades e materiais) são privilegiados na adaptação ao 1ºCEB?

É assim, não há muita coisa que fuja ao programa, porque o programa já tem muitos objetivos e as metas... E os materiais que estão destinados nas metas são aqueles que nós usamos, principalmente eu falo nos materiais didáticos porque nós no 1º ciclo não fazemos propriamente nenhum jogo a não ser que seja didático. Portanto, o básico serão fios de contas que usamos para a matemática, usamos cartazes para a língua portuguesa... Usa-se também muitas tabelas e etiquetas que são afixadas na sala para visualização, tanto de palavras como de imagens. Permitimos também que eles no recreio tragam brinquedos para facilitar um pouco a adaptação e não deixa de todo o brinquedo preferido ou aquele brinquedo a que estão agarrados e que lhes traz algum significado e alguma proteção... Eu, concretamente, tenho o dia da semana do brinquedo, portanto só podem trazer um e só podem brincar com aquele e também implementei os jogos tradicionais (cordas, berlindes, o jogo da macaca, o jogo do caracol). Portanto, nós temos lá fora alguns desenhos no chão, eles trazem as cordas, trazem esse tipo de jogos... A bola de futebol dos meninos, claro! Tudo aquilo que lhes permite brincar em grupo, a pares para que brinquem mais e aprendam a brincar.

13. Quais os aspetos essenciais que os professores devem ter em conta para que o processo de transição e a adaptação ao 1ºano decorram da melhor forma?

É assim... os aspetos essenciais no processo, para mim, no início e na transição, é muito regras de saber-estar, saber comportar, saber relacionar-se com o outro... Eles ainda estão numa fase muito egocêntrica. Às vezes o outro não

existe, as regras não são para eles. Depois são capazes de identificar tudo e mais alguma coisa mas saber, sabem, aplicar, não aplicam e os processos para atingirem este estágio de desenvolvimento é baseado em premiação e tabelas de comportamento com bonecos e autocolantes... Aquilo que houver como recurso.

14. Quais os indicadores de que a criança se adaptou e se encontra bem integrada no 1º ano?

Se está feliz, se está contente... Se faz um bom trabalho é porque está interessada porque está motivada; se colabora, se intervém nas aulas, se dá ideias até para outras atividades. Tenho tido alunos que às vezes sugerem que façamos mais isto ou mais aquilo e eu sempre que posso incluo esses desejos no plano das aulas. Tudo isso eu acho que... Mas a participar, colaborar em todos os aspetos da vida diária da sala de aula e das aulas, eu acho que é um bom indicador se estão à vontade. Depois também temos a parte dos pais. Os pais também nos dão o feedback de como é que as coisas estão a correr. Se em casa há... Eles vão para casa dizer que correu bem, que gostaram e há pais que dizem que eles estão muito contentes, que estão muito felizes. Isso também nos reporta alguma tranquilidade nesse sentido e depois há o contrário, aqueles que não querem, não estão motivados, que não intervêm... Portanto, eu acho que a própria atitude da criança nos diz claramente como é que está a correr. Às vezes é fácil verificar, outras vezes não é fácil verificar.

15. Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição? Porquê?

Considero muito importante. Acho que se devia fazer várias atividades ao longo do ano letivo anterior à entrada deles no 1º ciclo. Devia de haver reuniões entre professores e educadores para eles nos irem falando das crianças e do seu desenvolvimento e até dos vários grupos que têm na sala. Seria de todo benéfico. O que é que também poderia haver? Poderia haver também atividades em conjunto, atividades em que eles pudessem trazer as crianças e que fizéssemos aqui na escola, juntos para adaptação, integração, conhecimento.

16. Qual o melhor papel e postura a adotar pelo professor no processo de adaptação a esta transição?

O melhor papel e postura é de muita calma, muita convicção daquilo que se faz, estar muito segura dos métodos que se utiliza e aplica, podem não ser fantásticos, podem não ser os melhores, mas se a pessoa tiver segurança e souber aquilo que está a fazer ao nível da matemática, da língua portuguesa... De todas as atividades, há sempre métodos que nós temos de ter segurança. Não vale a pena usar o “XPTO” que se usa agora e está na moda se nós não o dominamos. Em relação às crianças, a nossa tranquilidade é o fundamental. Quando estamos mais nervosos eles sentem, isso transmite-se e eles apoderam-se dessas situações também para ficarem mais agitados. Portanto na minha perspetiva, sempre que possível, manter a calma, respirar fundo... A aula deve decorrer de forma tranquila; deve haver uma boa planificação das aulas para que não hajam períodos “mortos” e que haja continuidade e entre as atividades que também haja uma linha condutora para que eles percebam que aquilo faz parte de algo que ainda não acabou, que se prolonga, e porque é que vão fazer aquilo. Portanto a planificação é uma coisa muito importante antes das aulas e para um decorrer estável.

7. Guião de Entrevista à Coordenação do 1ºCEB

Objetivos	Questões
1. Caracterizar a entrevistada	-Qual o seu nome? -Qual a sua idade? -Quais as suas habilitações literárias? -Qual a sua profissão? -Quantos anos de serviço tem? -Desempenha alguma outra função nesta instituição além de coordenadora do 1ºCEB?
2. Conhecer o percurso profissional da entrevistada	-Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?
3. Averiguar a importância da transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê? -Considera importante preparar as crianças para essa transição?
4. Conhecer os indicadores, métodos e procedimentos selecionados e utilizados na preparação para a transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Enquanto coordenadora do 1ºCEB desta instituição, facilita a transição e adaptação das crianças no 1ºano? De que forma? -Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia a esta escola que, possivelmente, frequentarão no 1ºciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza? -Quais os aspetos essenciais a ter em conta para um bom acompanhamento e facilitamento do processo de transição e adaptação no 1ºano?

A Transição do Pré-Escolar para o 1º ciclo do Ensino Básico

	-Quais os indicadores de que a criança se adaptou e se encontra bem integrada no 1ºano?
5. Compreender a importância da comunicação/parceria entre educadores e professores	-Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição e adaptação? Porquê?
6. Compreender qual a percepção que a entrevistada tem sobre a importância do seu papel no processo de transição do pré-escolar para o 1ºCEB	-Como define o papel da coordenação da instituição no processo de preparação e adaptação, antes e depois da transição? -Qual a melhor postura ou papel a adotar pela coordenação de forma a facilitar o processo de transição e adaptação da criança no 1ºCEB?

8. Transcrição da Entrevista à Coordenadora do 1ºCEB

1. Qual o seu nome?

M.D.

2. Qual a sua idade?

51

3. Quais as suas habilitações literárias?

Licenciatura e tenho pós-graduação em administração escolar

4. Qual a sua profissão?

Sou professora do 1º ciclo

5. Quantos anos de serviço tem?

30

6. Desempenha alguma outra função nesta instituição além de coordenadora do 1ºCEB?

Sim, sou uma das professoras de 2º ano

7. Como caracteriza o seu percurso profissional e quais as etapas mais marcantes?

Estive em várias situações... Quer de chefia, de gestão, de administração escolar... também trabalhei com adultos no ensino recorrente e trabalhei sempre ao nível do 1º ciclo. Foi sempre um percurso emotivo e tenho gostado muito, apesar de estes últimos anos terem sido muito desgastantes, efetivamente em termos de carreira

8. -Considera a transição do pré-escolar para o 1ºCEB uma etapa importante na vida de uma criança? Porquê?

Eu penso que é a fase mais importante no desenvolvimento da criança por ser uma fase de grande desenvolvimento e de elevadas aquisições porque além da parte do desenvolvimento global da criança, entram na fase da lógica, da escrita, da linguagem... de “N” aprendizagens. É quando desenvolvem mesmo... É a fase mais importante no percurso escolar

9. Considera importante preparar as crianças para essa transição?

Sim, sem dúvida. Não fazer o trabalho que se irá desenvolver posteriormente no 1ºciclo mas sim dar-lhes ferramentas à criança no sentido de ela conseguir depois estar apta às aquisições do 1ºciclo

10. Enquanto coordenadora do 1ºCEB desta instituição, facilita a transição e adaptação das crianças no 1ºano? De que forma?

Sim, além de haver uma articulação na própria escola que tem pré-escolar e 1ºciclo, há sempre uma ligação com parceiros externos... Fazemos sempre uma preparação. As crianças visitam este espaço, trocamos impressões com as educadoras... Talvez gostássemos que houvesse maior articulação, o que é difícil porque são instituições diferentes mas temos sempre ligação

11. -Sabe-se que as crianças do pré-escolar realizam uma visita prévia a esta escola que, possivelmente, frequentarão no 1ºciclo. Pode explicar-nos esse processo e de que forma se realiza?

Normalmente, no final do ano letivo, os alunos que vêm para o 1ºciclo, vêm visitar esta escola. A educadora combina comigo e com as professoras que estão a lecionar o 1ºano e além de fazerem uma visita, vêm também às salas falar um pouco de si. Vão ver também os espaços lúdicos e preparamos um lanchinho para eles. Há sempre coisas novas que eles apresentam e nós também. No entanto, muitas das crianças já cá têm irmãos, então já têm uma ligação afetiva com a nossa instituição

12. Quais os aspetos essenciais a ter em conta para um bom acompanhamento e facilitamento do processo de transição e adaptação no 1º ano?

Tentar que as crianças não ganhem aversões à escola como por vezes acontece noutros locais por não haver uma ligação afetiva. No início do ano letivo, em setembro, fazemos atividades de receção para as crianças... jogos. Os mais velhos acabam por ser os padrinhos e apoiam os mais novos durante o ano inteiro. Portanto, há uma ligação afetiva. Além disso, realizamos uma reunião prévia de encarregados de educação, explicamos o modo de funcionamento da escola, damos algumas informações... Antes das crianças chegarem à escola já há essa pré e preocupação com a sua chegada

13. Quais os indicadores de que a criança se adaptou e se encontra bem integrada no 1º ano?

Brincar, estar feliz, jogar... a forma como está na sala e com os outros. Estar à vontade... penso que isso é o principal

14. Considera importante uma parceria e articulação entre professores e educadores para facilitar essa transição e adaptação? Porquê?

Sim, sim. Considero muito importante porque penso que há uma linha condutora de todo o processo de desenvolvimento de uma criança e nesse sentido, se houver um trabalho contínuo, como acontece aqui, penso que isso é importante na integração. Nesta escola há uma grande articulação entre o pré-escolar e o 1º ciclo e as atividades são desenvolvidas para todos. Com os parceiros exteriores, só pontualmente, porque não conseguimos fazer uma ligação mais profunda

15. Como define o papel da coordenação da instituição no processo de preparação e adaptação, antes e depois da transição?

O papel da coordenação é tentar passar despercebida... Passar as ferramentas a quem trabalha diretamente com as crianças. Não tenho um papel evidente. É mais no sentido de fazer com que as coisas funcionem sem se aperceberem que há coordenação, penso que é esse o papel, pelo menos é o que tento passar.

16. Qual a melhor postura ou papel a adotar pela coordenação de forma a facilitar o processo de transição e adaptação da criança no 1ºCEB?

É de colaboração, participação indireta. Penso que é mais indireta porque aqui o principal é a criança em si. Portanto, é no sentido que tudo corra com naturalidade, que não haja grandes choques e, principalmente, que a criança se sinta bem no novo espaço e que haja uma continuidade também nos laços afetivos. Penso que é esse o principal papel.